

Caderno Pedagógico – Educação Infantil

Oralidade

Área de Formação Humana
Linguagens

Secretaria Municipal da Educação
Curitiba

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO

CADERNO PEDAGÓGICO ORALIDADE

CADERNOS PEDAGÓGICOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL 1

NOVA ORTOGRAFIA

CURITIBA – PARANÁ
2009



Curitiba. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação.

Caderno pedagógico : oralidade / Secretaria Municipal da Educação. – 2. ed. rev. – Curitiba : SME, 2009. – 101p. (Cadernos pedagógicos de educação infantil, 1)

il. color.

1. Educação infantil. I. Título.

CDD-372.21

Sem autorização prévia e formal do editor, esta publicação, ou qualquer parte dela, não poderá ser gravada, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer. Excetua-se a utilização de trechos, imagens ou citações para fins didáticos, desde que mencionada a fonte.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
Beto Richa

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
Eleonora Bonato Fruet

SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA
Jorge Eduardo Wekerlin

DEPARTAMENTO DE LOGÍSTICA
Cilos Roberto Vargas

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E INFORMAÇÕES
Reginaldo Luiz dos Santos Cordeiro

SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL
Meroujy Giacomassi Cavet

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
Ida Regina Moro Milléo de Mendonça

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL
Nara Luz Chierighini Salamunes

DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA E DIFUSÃO EDUCACIONAL
Maria Marilda Confortin Guiraud

COORDENADORIA TÉCNICA –
ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DE ENSINO
Eliane de Souza Cubas Zaions

COORDENADORIA DE ATENDIMENTO ÀS NECESSIDADES ESPECIAIS
Iaskara Maria Abrão



Apresentação

Profissionais da Educação Infantil

A Educação Infantil, como primeira etapa da educação básica, tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança, constituindo-se em um momento importante na sua vida.

Nessa perspectiva, as ações educativas proporcionadas na primeira infância devem considerar o compromisso do trabalho desenvolvido pelos profissionais que atuam em instituições de Educação Infantil.

No trabalho com a oralidade, é essencial compreender que esta linguagem perpassa as ações entre os sujeitos e que a sua aprendizagem se efetiva nas relações estabelecidas no meio social; compreender também que é adquirida nos primeiros anos de vida e aprimorada à medida que a criança interage, questiona, dialoga, confronta pontos de vista e participa de diferentes situações de uso da linguagem.

Ao propor situações comunicativas, o educador e o professor possibilitam que a criança estruture seu pensamento e aprenda a adequar a linguagem oral aos diferentes interlocutores, estando estes em diferentes contextos.

Entendendo que a ação docente é um processo contínuo de busca de novas possibilidades, este Caderno Pedagógico foi elaborado para subsidiar o trabalho com a oralidade, que se insere na Área de Formação Humana de Linguagens.

Esperamos que este material contribua com o planejamento do trabalho e aponte a necessidade de estudos e discussões, ampliando as ações para uma prática cada vez mais efetiva.

Bom estudo a todos.

Eleonora Bonato Fruet
Secretária da Educação

Sumário

Introdução.....	09
Pra começo de conversa.....	11
A linguagem dos bebês.....	13
A linguagem no 1.º ano de vida.....	13
A linguagem que se fala: uma questão de desenvolvimento ou aprendizagem?.....	14
Compartilhando experiências educativas.....	17
Orientações para o trabalho educativo.....	19
Para saber mais.....	26
A conversa.....	27
O papel da conversa no desenvolvimento da linguagem.....	27
Os problemas da roda de conversa.....	27
A construção do diálogo.....	29
Conversar em roda.....	31
Assuntos de criança.....	32
O papel do educador/professor na roda de conversa.....	35
Compartilhando experiências educativas.....	39
Orientações para o trabalho educativo.....	48
Os jogos de linguagem.....	51
A poesia na infância.....	51
Compartilhando experiências educativas.....	53
Orientações para o trabalho educativo.....	57
Para saber mais.....	58
As narrativas.....	59
Histórias contadas.....	60
Histórias lidas.....	62
Ambientes para ler e contar histórias.....	64

Compartilhando experiências educativas.....	67
Orientações para o trabalho educativo.....	69
Para saber mais.....	76
Avaliação na educação infantil.....	81
Palavras finais.....	87
Referências.....	89
Material complementar.....	95
Coletânea de músicas e cantigas populares.....	95
Brincadeiras populares.....	100

Introdução

A linguagem oral, uma das áreas abordadas pelas Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba – Educação Infantil, está presente no cotidiano das instituições infantis e deve permear o trabalho educativo. Portanto, é importante resgatar a intencionalidade dessa ação pelo educador/professor, valorizando o ato comunicativo da criança, tendo em vista que a comunicação é uma necessidade da espécie humana e que o uso de linguagens viabiliza a construção de significados e o desenvolvimento do pensamento.

Norteados por essas ideias, apresentamos este caderno pedagógico, que é resultado das reflexões iniciadas em 2005, em Encontros de Formação para pedagogos, com o tema Linguagem Oral. Esses encontros se estenderam para os demais profissionais dos Centros Municipais de Educação Infantil e das Escolas Municipais como proposta de formação continuada, envolvendo momentos de estudo e aprimoramento do trabalho realizado no cotidiano das turmas de berçário a pré. A intenção é subsidiar o trabalho dos educadores, professores e pedagogos da educação infantil, fornecendo referências teórico-práticas que contribuam no planejamento e desenvolvimento da sua ação docente, compreendendo a faixa etária das crianças de 0 a 5 anos, e apresentar orientações que promovam reflexões e ampliem o repertório da ação pedagógica.

Alguns resultados obtidos nos Encontros de Formação são compartilhados em relatos de experiências que compõem este caderno. Também são apresentadas orientações de encaminhamento com a linguagem oral e uma coletânea de adivinhas, trava-línguas, parlendas, entre outros, objetivando um resgate do folclore nacional em situações de brincadeira com a linguagem.

Espera-se que este material propicie ao leitor momentos de reflexão sobre a prática pedagógica no que diz respeito à fala e à escuta das crianças, valorizando a comunicação infantil e o uso de subsídios para um planejamento que privilegie momentos de diálogo/conversa e construção de narrativas. Dessa maneira, validados por uma experiência já vivida, reafirmamos a importância da intencionalidade nas ações cotidianas das instituições educativas e do trabalho

com relatos e rodas de conversa como possibilidades que enriquecem as experiências reais de comunicação na infância.

Esclarecemos que os diálogos apresentados neste caderno são reais, mas que os nomes das crianças foram alterados a fim de se preservar a identidade de cada uma delas.



Pra começo de conversa

Pela língua, com a língua e na língua, o homem se comunica com outros, transfere emoções, desloca sentimentos, pensa, constrói e reconstrói significados, situa-se e dá sentido a sua vida.

GARCIA, 2006

O desenvolvimento da linguagem é um dos temas mais caros à educação infantil. Não é para menos: o assunto é de fato complexo.

Segundo Vygotsky, citado por Oliveira (1995), a linguagem apresenta duas funções básicas. A primeira refere-se ao intercâmbio social, em que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem para comunicar-se com os seus semelhantes. Inicialmente, o desenvolvimento da linguagem é impulsionado pela necessidade humana de comunicar-se verbalmente com o outro. Em nossa cultura, a fala constitui uma das mais importantes possibilidades de comunicação. Ela permite a constituição de sujeitos com identidade própria, o relacionamento entre as pessoas, o desenvolvimento da afetividade e do pensamento, a elaboração de ideias e a construção de significados, a experimentação em situações diversas e a aquisição dos conhecimentos produzidos pela humanidade e transmitidos às gerações.

A segunda função da linguagem é a de generalizar o pensamento por meio da formação de conceitos sobre os objetos e as formas de organização do real que constituem a relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. A linguagem é um elemento estruturante no desenvolvimento de outras aprendizagens e conhecimentos, na medida em que possibilita à criança a organização da ação, a expressão de ideias e sentimentos, a interação, a exploração e descoberta do mundo que a rodeia e a elaboração do pensamento. Essa função generalizante faz da linguagem o instrumento do pensamento.

O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem. Assim, a criança precisa crescer em um ambiente rico em linguagem, onde adultos e demais crianças conversem com ela, incentivando-a a falar, pedir, expressar-se. Se ela não tiver oportunidade de dialogar, interagir, confrontar pontos de vista, não estará suficientemente preparada para exercer seu pensamento e sua expressão.

À medida que a criança vai se desenvolvendo, passa a fazer uso da linguagem como instrumento do pensamento, que se torna mais complexo nas oportunidades de interação com o meio, possibilitando a ampliação de sua linguagem. Por todos esses motivos, defende-se que o desenvolvimento da linguagem oral seja pensado mais criteriosamente na educação infantil. Através do trabalho com a Linguagem Oral, espera-se que as crianças participem de situações em que:

- manifestem seus sentimentos, ideias, necessidades e desejos, ouvindo também os demais;
- conheçam o patrimônio da cultura oral de sua comunidade;
- ampliem seu vocabulário;
- comuniquem e ouçam intenções e preferências;
- relatem e ouçam relatos de situações do cotidiano;
- desenvolvam sua autonomia;
- interajam com adultos e outras crianças.

Para tanto, é necessário planejar ações específicas envolvendo a linguagem oral, em ocasiões que promovam a ampliação dos usos da língua. Por isso, as crianças na educação infantil devem ser convidadas a:

- conversar;
- brincar com palavras;
- ouvir histórias contadas ou lidas;
- brincar e jogar com narrativas.



Desde pequenas, as crianças precisam de adultos que se preocupem com elas, que lhes deem atenção, que conversem em diferentes momentos do dia, estabelecendo uma forte relação afetiva.

No convívio com familiares – adultos e outras crianças – os bebês aprendem a falar. Eles precisam de um ambiente acolhedor e estimulante, onde se sintam confiantes e tenham oportunidade de exercitar sua fala, de desenvolver a escuta e as habilidades de comunicação em diferentes contextos e de ampliar gradativamente sua forma de expressão e seu conhecimento de mundo.

Segundo Vygotsky, citado por Leite (1996), a aquisição da fala é uma conquista fundamental para a criança, pois possibilita a transformação de sua relação com o meio físico e social, à medida que não depende mais da interferência de outra pessoa para expor o que pensa ou sente. Segundo o autor, o desenvolvimento da narrativa ocorre pela integração da criança com três elementos:

- meio físico;
- meio social;
- objetos linguísticos, no convívio com a linguagem.



A linguagem no 1.º ano de vida

Até adquirirem a fala, as necessidades e os desejos das crianças são expressos através da gestualidade. Para Vygotsky, citado por Oliveira (2000, p. 78-79), o gesto de apontar, por exemplo, antecede à “capacidade de referir-se a algo objetivo por meio da fala. (...) A palavra adquire sentido para a criança apenas à medida que o adulto estabelece relação entre esta e o objeto”.

Em seu primeiro ano de vida, o bebê produzirá uma variedade de sons. Utilizará o próprio corpo para expressar o que sente, o que quer, o que lhe é agradável, prazeroso ou desagradável. É a denominada linguagem não verbal em uso, ou seja, as emoções e intenções são expressas pelo corpo e interpretadas pelo adulto. O agir do bebê é estimulado pelo adulto, que reage lhe dando uma resposta.

A criança em torno de um ano de idade sente atração por sons mais agudos presentes na fala dirigida a bebês. Segundo Valentim (2002), houve tentativas de nomear a fala dirigida às crianças como “mamanhês” ou “bebenhol”. Porém, esse tipo de fala não pode ser confundido com o “tatibitate”, pois este se refere a que ou a quem fala trocando certas consoantes.

Os gestos, as expressões faciais, o movimento, o balbucio, o choro e o riso são as primeiras manifestações comunicativas visíveis no bebê e servem como forma de contato social, de comunicação a outras pessoas dos seus desejos e do seu estado emocional. O choro, por exemplo, pode indicar, em diferentes momentos, significados distintos, como: dor, fome, sono, raiva, manha, desconforto, etc. É importante que o adulto tenha sensibilidade para a escuta dessas formas de expressão e comunicação.

O início da fala é o próprio balbucio (repetição de sílabas): todos os bebês emitem um pequeno conjunto de sons que, a princípio, não têm função comunicativa. O adulto, ao ouvir as emissões dos bebês, confirma determinados sons que fazem sentido na sua língua. Dessa forma, “mama” vira mamãe, e assim por diante. Ao ouvir outros sons emitidos pelo adulto, o bebê passa a repeti-los com determinada constância. Logo, na interação com os adultos, esses sons vão sendo ampliados e o bebê passa a associar sons distintos a significados distintos.

Por volta dos doze meses, com a maturação do sistema nervoso, a criança passa a utilizar uma ou duas palavras representando a ideia de frase, como, por exemplo, “agá”, para significar um pedido de “quero água”, uma necessidade, uma identificação ou algo semelhante. A mesma emissão sonora pode significar diferentes intenções, e isso demonstra a potencialidade da criança na construção da linguagem, considerada um exercício social que se torna possível nas relações estabelecidas entre os falantes. Sabe-se, no entanto, que as crianças, desde muito cedo, compreendem muito do que é dito no mundo dos adultos, ainda que não possam verbalizar o que compreendem.



A linguagem que se fala: uma questão de desenvolvimento ou aprendizagem?

Em torno de dois anos de idade, a criança possui um vocabulário aproximado de vinte palavras e frases com quatro ou mais palavras. Observa-se em algumas crianças uma explosão de vocabulário, pois elas começam a generalizar o uso dos vocábulos de que têm domínio. A palavra “não” começa a ser empregada em orações negativas e também se iniciam as construções interrogativas (O quê? Onde?). Na idade de zero a dois anos, as crianças

apoiam-se na linguagem que, dependendo do contexto, adquire significados diferenciados. Essas aquisições sofrem variação entre as crianças, seja pelo seu desenvolvimento biológico ou pela oportunidade oferecida no meio social.

A partir dos três anos, a estrutura das frases vai se tornando mais aperfeiçoada. Aproximadamente aos quatro anos, a criança utiliza marcadores temporais na linguagem oral, isto é, as palavras “depois” ou “então” para dividir dois momentos distintos. Por volta dos cinco anos, a criança apresenta uma linguagem mais complexa, utilizando-se de diversos elementos linguísticos, inclusive de conceitos básicos ou equivalentes conceituais que a ajudam a organizar o mundo por meio do pensamento.

Segundo Junqueira Filho (2001, p. 39), “se falamos com as crianças normalmente, pausadamente, sem usar diminutivo, estamos auxiliando-as a perceber o sentido das palavras, sua pronúncia, contribuindo, dessa maneira, para o desenvolvimento e para a qualidade de sua fala.”

Sabe-se, no entanto, que essa trajetória de desenvolvimento não é linear e não se repete igualmente em todas as crianças. O meio social no qual a criança está imersa e a sua interação com adultos são elementos fundamentais para a expansão da linguagem. Primeiramente, a criança depende do adulto para emprestar-lhe a voz às suas intenções comunicativas. Depois, utiliza diálogos e jogos verbais (O que é? Cadê?), que vão se intensificando até o momento em que a criança se apropria dessas falas, construindo significados, e passa a utilizá-las com o outro. No convívio com adultos ou outras crianças, ela aprende a se expressar por meio da fala e passa a empregá-la em diferentes contextos e com a complexidade própria da língua. “Através das diversas utilizações da fala pelos adultos que interagem com as crianças é que elas vão construindo o sentido, percebendo a necessidade da fala e produzindo o desejo de tornarem-se falantes, de expressarem-se através desta linguagem” (CRAIDY, 2001, p. 38).

As Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba – Educação Infantil apontam, em seus objetivos, “o desenvolvimento gradativo da linguagem oral em diferentes situações de interação”. Esse objetivo se estende por todos os anos da educação infantil, sendo ampliado à medida que as crianças demonstram domínio nas situações de uso da linguagem.

A possibilidade de comunicação vai gradativamente sendo aperfeiçoada em razão das situações do cotidiano, que passam a exigir uma linguagem mais elaborada, de acordo com o momento e com o interlocutor, como também do desenvolvimento da capacidade de ouvir e falar, ressaltando-se que “o processo de apropriação da linguagem por parte da criança é individual, cada uma trilha o seu próprio caminho até alcançar o domínio sobre a língua, e este nunca acaba, pois existem sempre múltiplas

possibilidades de comunicação e atribuição de significados” (PANNUTI, 2004, p. 2).

Cabe ao profissional da educação infantil, em sua prática educativa intencional, prever momentos em que a criança tenha voz e vez de expressar-se, construindo sua identidade e personalidade, pois “o desenvolvimento da criança está diretamente relacionado com a diversidade e qualidade de experiências que ela tem a oportunidade de vivenciar. Estas experiências dependem da constituição do contexto em que a criança vive, principalmente do que lhe é tornado acessível pela ação mediadora dos adultos que se ocupam dela” (LIMA, 2003, p. 26).



Berçário
CMEI Porto Belo
NRE – CIC

Roda de biscoitos – linguagem, sensações e expressões

Com o objetivo de proporcionar aos bebês experiências significativas para que desenvolvam sua linguagem, as educadoras Eliane de Oliveira, Luciane Raquel Duarte Jacoby e Terezinha do Rocio Silva Santos, da turma de berçário do CMEI Vila Rigoni – Núcleo Regional da Educação do Portão –, sob a orientação da pedagoga Regina Maria Valença Romaniuk, aproveitam, em algumas ocasiões, o horário da colação¹ para realizar a roda de biscoitos.

A roda de biscoitos é sempre uma festa. Nela são oferecidos biscoitos doces, salgados, recheados e de polvilho, e as crianças têm a possibilidade de fazer escolhas, desenvolver sua autonomia e construir sua linguagem oral. Momentos como esse possibilitam a atenção individual, permitindo que o educador acompanhe o olhar

da criança, emprestando-lhe sua voz para que ela expresse escolhas e desejos.



Berçário
CMEI Vila Rigoni
NRE – PR



Berçário
CMEI Vila Rigoni
NRE – PR

¹ Colação: denominação utilizada para o momento entre o desjejum e o almoço, em que é servido um lanche leve para as crianças, como biscoito, suco ou fruta.

Uma conversa no berçário

No berçário, os bebês estão no início do desenvolvimento da linguagem oral, e o educador/professor empresta sua voz a eles. Aproveitando situações do cotidiano, o educador conversa com as crianças dando significado às suas intenções comunicativas, constituindo um momento importante de aprendizado da fala, como constatamos no relato de uma educadora a seguir.

Fomos para a sala do berçário I. Logo que entramos, o Alan tentou me dizer alguma coisa, e eu perguntei:

– O que foi, Alan?

Ele pegou minha mão e se dirigiu ao cadeirote que fica preso à parede.

– Você quer sentar no cadeirote?

Alan balançou a cabeça dizendo que sim e sorriu, e eu expliquei para ele:

– Alan, você não cabe no cadeirote! É só para bebês pequenos – e mostrei os bebês.

Alan olhou para a Paula e disse:

– Não, não!

E a Paula perguntou:

– Papá?

Tornei a explicar:

– O cadeirote é para o bebê sentar e almoçar. A Paula quer almoçar também? – perguntei.

Paula balançou a cabeça afirmando que sim e disse:

– Papá!

Então falei:

– Vou pôr vocês sentados na cadeira perto da mesa para que alcem – e acomodei as crianças à mesa.

Foi quando o Alan perguntou:

– Nenê papá? – É, Alan – confirmei – agora os bebês vão almoçar, e você, também.

CMEI Parigot de Souza – NRE – BN – Turma: Berçário II

Brincar com palavras



CMEI Santa Felicidade
NRE – SF

No trabalho com a oralidade, é importante o educador/professor resgatar aspectos do folclore brasileiro. Ele apresenta uma riqueza de canções, cantigas de roda, acalantos, brincos, adivinhas, parlendas, trava-línguas, quadrinhas, mnemonias, etc., que divertem, encantam com aspectos sonoros, melodias, rimas, ritmos, brincadeiras, constituindo a expressão viva de um povo.

Músicas, cantigas de roda, brinquedos cantados e cirandas despertam e estimulam o gosto pela música e desenvolvem sensibilidade, expressão, comunicação, percepção rítmica, pois utilizam na sua estrutura repetições cadenciadas (ritmadas, pausadas). São manifestações que exploram a palavra de forma mágica e lúdica, semelhante à da poesia, e podem ser trabalhadas com as crianças levando em consideração a faixa etária.

1. As canções de ninar, ou acalantos, são entoadas aos bebês como forma de tranquilizá-los e adormecê-los.

Canções de ninar Vai-te, cuca

Vai-te, cuca, sai daqui
Para cima do telhado,
Deixa dormir o(a) menino(a)
O seu sono sossegado.

Desce, desce, gatinho
(folclore cearense)

Desce, gatinho
De cima do telhado
Para eu ver se meu filhinho
Dorme um sono sossegado.

Desce, gatinho
Larga de tanto tropel
Para eu ver se meu filhinho
Sonha com mamãe do céu.

Desce, gatinho
De cima desse muro
Para eu ver se meu filhinho
Dorme um sono bem seguro.

CENTURIÓN, 2004, p.128

2. Os brincos, parlendas mais fáceis, são recitados pelos adultos para entreter as crianças.

Brincos

Palminhas de guiné
Pra quando papai vier;
Papai dá palmadas
E mamãe dá chineladas.
Dedo mindinho...

3. As adivinhas (perguntas enigmáticas), as parlendas (elementos de sonoridade, rimas de caráter infantil, que não são cantadas, e sim recitadas) e os trava-línguas (versos, palavras ou expressões de pronúncia difícil, podendo apresentar rima ou não) são jogos de palavras em verso ou prosa que divertem com suas rimas e ritmos e contribuem para que a criança amplie o vocabulário e enriqueça seu repertório.

Adivinhas

1. Qual é o bebê que nasce de bigodes?
(Gatinho)
2. Que animal caminha com os pés na cabeça?
(Piolho)
3. O que é, o que é?
É toda amarela e com manchas marrons.
Seu pescoço é um espanto.
(Girafa)

4. Por que o galo, quando canta, fecha os olhos?
(Porque ele sabe a música de cor)

5. Por que os peixes gostam tanto de comer?
(Porque estão sempre com água na boca)

6. O que é, o que é?
Pula, mas não é bola, tem bolsa, mas não é mulher.
(Canguru)

7. O que é, o que é?
Bebe leite, mas não bebe café.
Fica no telhado, mas não é chaminé.
(Gato ou gata)

8. O que é, o que é?
É verde como o campo, mas campo não é.
Fala como o homem, mas homem não é.
(Papagaio)

9. O que é, o que é?
Causa espanto em muita gente.
Tem um rabo curto e uma tromba na frente.
(Elefante)

10. O que é, o que é?
Animais grandes demais, vivem na terra, alguns no mar, outros no céu a voar. Hoje já não existem mais.
(Dinossauros)

11. O que é, o que é?
Do mundo nada reclama,
leva a vida regalada.
Parece um cavalo de pijama,
sempre com a roupa listada.
(Zebra)

12. O que é que a gente só põe na pizza depois que ela fica pronta?
(A boca)

13. Uma caixinha pequenina, branca como a cal.
Todos sabem abri-la, ninguém pode fechá-la.
(Ovo)
14. O que é, o que é?
Vai e vem sem sair do lugar?
(Porta)
15. Tenho quatro pernas e não corro.
Mesmo que me deixem comida servida, nunca como.
(Mesa)
16. Quem é que trabalha com o chapéu na cabeça e, quando descansa, põe
o chapéu no pé?
(A caneta)
17. O que é, o que é?
Compramos para comer,
mas não comemos.
(Garfo ou colher)
18. O que é, o que é?
Quanto mais enxuga, mais molhada fica?
(A toalha)
19. Qual é o céu que nunca tem estrelas?
(Céu da boca)
20. O que é, o que é?
Na boca, ajuda a mastigar. No pente, ajuda a pentear.
(Dente)
21. O que é, o que é?
Alto está, alto mora; se lhe batem, logo chora.
(Sino)
22. O que é, o que é?
Parece um tufo de algodão
Pelo céu a flutuar
Pode lembrar um coração
É só você imaginar.
(Nuvem)

Parlendas

1. Cadê o toucinho que estava aqui?

Cadê o toucinho que estava aqui?

O gato comeu.

Cadê o gato?

Foi pro mato.

Cadê o mato?

O fogo queimou.

Cadê o fogo?

A água apagou.

Cadê a água?

O boi bebeu.

Cadê o boi?

Está amassando o trigo.

Cadê o trigo?

A galinha comeu.

Cadê a galinha?

Está botando ovo.

Cadê o ovo?

Quebrou?

2. Primeiro de abril

Primeiro de abril,

Sua calça caiu,

Seu pai não viu,

Sua mãe descobriu!

3. Pula, pula

Pula, pula,

Pipoquinha,

Pula, pula,

Sem parar

E depois dá

Uma voltinha,

Cada um no

Seu lugar.

4. Quem cochicha

Quem cochicha

Orabo espicha

Come pão

Com lagartixa

Quem escuta

Orabo encurta

Quem reclama

Orabo inflama

Come pão

Com taturana.

5. Amanhã é domingo

Amanhã é domingo,

Pé de galinha

Areia é fina

Que dá no sino

O sino é de ouro

Que dá no besouro

O besouro é valente

Que dá no tenente

O tenente é valente

Que dá na gente

A gente é valente

Que senta o bumbum na patente.

6. Rebenta pipoca

Rebenta, pipoca,

Rebenta bem

Rebenta que chegue

Pra mim também.

Se sobrar piruá,

Que me importa lá.

7. Santa Clara clareou
Santa Clara clareou
São Domingo alumiou
Vai chuva, vem sol
Vai chuva, vem sol
Pra secar o meu lençol.

CENTURIÓN, 2004, p.156-158

Trava-línguas

1. Sabiá sabido sempre sabe assobiar.
2. Olha o sapato dentro do saco,
O saco com o sapo dentro,
O sapo batendo papo,
E o papo soltando vento.
3. Maria-mole é molenga, se não é molenga, não é maria-mole.
4. Diogo disse que não havia dito nada a Benedito.
Benedito disse que Diogo havia dito.
5. Alô, o tatu tá aí?
Não, o tatu não tá.
Mas a mulher do tatu tando é o mesmo que o tatu tá.
6. A rosa perguntou para a rosa
Qual é a rosa mais rosa.
A rosa respondeu para a rosa
Que a rosa mais rosa
É a cor-de-rosa.
7. Batatinha, quando frita,
Se esparrama da marmitta.
Todo mundo, quando grita,
Grita feito uma cabrita.
8. Lá vem o velho Félix
Com um fole velho nas costas.
Tanto fede o velho Félix
Como o fole do velho fede.
9. Pedro tem o peito preto,
O peito de Pedro é preto:
Quem disser que o peito de Pedro não é preto,
Tem o peito mais preto do que o peito de Pedro.
10. O sabiá não sabia
Que o sábio sabia
Que o sabiá não sabia assobiar.
11. A lontra prendeu a
Tromba do monstro de pedra
E a prenda de prata
De Pedro, o pedreiro.

CENTURIÓN, 2004, p.160-161

4. Mnemonias é um termo criado por Luís da Câmara Cascudo para designar as parlendas que têm por objetivo ensinar algo.

Mnemonias

Um, dois, feijão com arroz,
Três, quatro, feijão no prato,
Cinco, seis, cala a boca, português,
Sete, oito, vá comer biscoito,
Nove, dez, vá lavar os pés,
Na cachoeira número dez,
Pra ganhar 500 réis.

Trinta dias tem novembro,
Abril, junho e setembro;
Vinte e oito só tem um,
Os demais têm trinta e um.

Sete e sete são catorze.
Três vezes sete, vinte e um.
Tenho sete namorados,
Faço caso só de um.

Rema, rema, remador,
Quantas vezes já remou?
Rema 1, rema 2,
Rema 3, rema 4,
Rema 5, rema 6,
Rema 7, rema 8,
Rema 9, rema 10.

Dois e dois são quatro
Quatro e dois são seis
Seis e dois são oito
E oito, dezesseis.

Fui na lata de biscoito
Tirei um, tirei dois,
Tirei três, tirei quatro,
Tirei cinco, tirei seis,
Tirei sete, tirei oito,
Tirei nove, tirei dez!



Livros sem texto

FURNARI, E. Por um fio. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 1992. (Coleção Lua Nova, Série Imágica).

_____. Amendoim. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção Lua Nova, Série Imágica).

_____. Zuza e Arquimedes. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção Lua Nova, Série Imágica).

ORTHOF, S. Dragonice diz que disse. São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Lua Nova, Série Sylvia Orthof Infantil).



Cds infantis

Coleção Palavra cantada: Pandalelê, Canções de brincar, Canções curiosas, 10 anos de palavra cantada, Cantigas de roda, Canções de ninar, Pé com pé. Sandra Peres e Paulo Tatit. Gravadora: MCD.

Coleção O melhor das crianças: A arca de Noé 1, A arca de Noé 2, Os saltimbancos, Casa de brinquedo. Gravadora: Universal.

Estrelinhas. Carlos Savalla. Gravadora: MCD.

O melhor de Bia Bedran. 2000. Bia Bedran.

Bia canta e conta. Bia Bedran.

Pra gente miúda I e II. 1993. Gravadora Universal.

Canções para os direitos da criança. Toquinho.

Brincando de roda. Solange Maria e coral infantil. Gravadora: Eldorado.

Meu pé, meu querido pé. Hélio Ziskind. MCD World Music. 2002.

A conversa

Eu fico com a pureza da resposta das crianças...
É a vida, é bonita e é bonita...

GONZAGUINHA

O desenvolvimento da linguagem oral ocorre na prática da língua, no exercício da fala, através do diálogo. Assim, a roda de conversa é uma situação muito especial no cotidiano da educação infantil pelo seu potencial de promover e estimular o diálogo entre crianças e entre crianças e o professor.

O ambiente educativo deve ser favorável e estimulante para que a criança sinta-se confiante e participe de situações de uso real da linguagem, expressando ideias, sentimentos, necessidades, desejos, tendo possibilidades de ampliar seu repertório.

O papel da conversa no desenvolvimento da linguagem

“Dialogar supõe ver e ouvir o interlocutor, no caso, as crianças, de acordo com as características que lhes são próprias” (RCNEI, 1998, p. 5). Para Bakhtin, citado por Leite (1996), somente se caracteriza uma conversa quando há diálogo. Os diálogos envolvem a interação de parceiros que tentam coordenar suas ideias, argumentos e significações, estimulam a relação verbal tanto nas informações como nas explicações ligadas a determinados acontecimentos.

Conversar é construir significados coletivamente. É criar um hábito, uma rotina, uma regularidade. Para a conversa ser ato de linguagem, deve haver busca, troca, interação, alternância (falar/ouvir, perguntar/responder), construção de algo novo. Para isso, é necessário estabelecer parceria na construção do diálogo, provocar as crianças para a entrada na conversa, tornando-a interessante e contextualizando todos os pensamentos que se organizam enquanto elas falam e escutam.

Os problemas da roda de conversa

Na educação infantil, existe a preocupação de conversar em grupos

com o intuito de desenvolver a oralidade. Mesmo com a ciência dessa intencionalidade, muitas vezes observa-se uma ação centrada no adulto, em que há monólogo do educador/professor, ou respostas das crianças em coro, ou o direcionamento para que cada uma fale na sua vez.

Leite (1996) listou algumas modalidades em que não há conversa, pois não existe diálogo, o adulto é que direciona a fala, como: monólogo, coro, revezamento e lição de moral.

1. Monólogo: O educador/professor conversa com toda a turma e ele mesmo responde às perguntas.

Exemplo: Maternal I – Momento de conversa durante a chamada:

Educadora 1: De quem é esse crachá?

Educadora 1: Ahhh! É da Gabriela! Vamos repetir o nome.

Crianças repetem.

Educadora 1: O Fernando veio?

Educadora 1: Não. Acho que ele está doente. Ou será que ele está dormindo?

Educadora 1: Como está o tempo hoje?

Educadora 1: Hoje, está chovendo, não é mesmo?

2. Coro: O educador/professor faz perguntas direcionadas, em que a entonação da sua voz indica a resposta esperada, geralmente afirmativa ou negativa.

Exemplo: Maternal I

Educadora: Quem participou da festa à fantasia?

Crianças: Eu!

Educadora: Quem viu a bruxa?

Crianças: Euuu!!!

Educadora: Alguém percebeu que a tia Sandra estava fantasiada de bruxa?

Crianças: Não.

Educadora: Tinha muitos enfeites pendurados?

Crianças: Tinhaaaa.

Educadora: Quem fez os enfeites?

Crianças: Nós.

Educadora: O que mais vocês fizeram?

Crianças: Dançamos.

Educadora: Tinha alguma coisa gostosa? O que deixou a língua de vocês azul?

Crianças: Pirulito.

3. Revezamento: A conversa é direcionada com a utilização de um tema geralmente escolhido pelo educador/professor, e cada um tem sua vez e hora para falar.

Exemplo: Tema Alimentos

Educadora: O que vocês gostam de comer?

Criança 1: Eu adoro banana.

Criança 2: Eu gosto de comer arroz e linguiça.

Criança 3: Arroz e feijão.

Criança 4: Eu adoro arroz, carne, frutas, não gosto de feijão.

Criança 5: Comida e pizza.

Criança 6: Cachorro-quente e coxinha.

Criança 7: Arroz, feijão e batata.

4. Lição de moral: Neste caso, a conversa é realizada com o objetivo de passar valores morais ou dar conselhos, buscando disciplinar as crianças.

Exemplo: Pré I

Tema: Arca de Noé. A professora contou a história da Arca de Noé e abriu para comentários.

Professora: O que vocês acharam da história?

Júlia: Linda, todos se salvaram.

Pedro: Por que Noé salvou até os insetos?

Talita: Porque Deus mandou e ele é obediente.

Júlia: Vou construir uma arca.

Bruno: É, lá em casa quase alagou.

Professora: Devemos ser obedientes.

Alan: Power Rangers obedece.

Turma: É!

Paulo: O Nemo foi roubado porque desobedeceu.

A construção do diálogo

Uma conversa pressupõe a existência de troca, diálogo e alternância entre os interlocutores. Isso pode ser observado na modalidade a seguir.

As crianças têm a palavra: Há participação efetiva e espontânea das crianças e ocorre a interlocução envolvendo adulto-criança e criança-criança,

sobre assuntos da organização do cotidiano infantil, como se pode observar no registro da conversa em roda, realizada pela professora Salete, na turma de pré I do CMEI Nice Braga, no Núcleo Regional da Educação do Portão.

Exemplo: Viagem para os EUA

Bruna: Deixa eu contar.

Professora: Deixem a Bruna contar. Vocês sabiam que a Bruna vai viajar para os Estados Unidos?

Bruna: Eu vou.

Professora: Será que lá está frio ou calor?

Marcos: Lá tem furacão!

Bruna: Eu vou ver o Barney.

Marcos: Ele não existe.

Bruna: Existe sim!

Professora: Tem parques que têm personagens.

Bruna: Vou usar um casacão bem... grande (levanta-se e mostra). Lá tem neve.

Ana: Quando chegar o Natal, eu vou para os Estados Unidos.

Professora: Como será que ela vai para os Estados Unidos? De carona, de carro...

Bruna: Eu vou de avião.

Professora: Deve ser bem bacana andar de avião. Quando se chega no aeroporto, a aeromoça diz: "Senhores passageiros..."

Carlos: A minha mãe pulou de paraquedas.

Marcos: A minha também pulou quando era pequena.

Professora: Olha, a Bruna está contando quais os documentos que ela tem que ter para sair do País.

Bruna: Tem que ter carteira de identidade, passaporte. Tive que pôr o dedinho.

Professora: A marquinha do dedinho de cada um é diferente. Olhem o dedinho. Sabem como é o nome disso? É impressão digital.

Gabriel: Meu pai pintou uma placa com o dedo para ganhar dinheiro.

Professora: Olha, ele fez uma placa.

Gabriel: Depois, ele deixou a placa lá e foi embora.

Professora: O que estava escrito na placa?

Gabriel: Pra ganhar dinheiro!

Professora: Olha que interessante! Onde ele a pôs?

Gabriel: Pra ganhar aluguel.

Professora: Ah! Era para alugar uma casa?

Gabriel: É.

Conversar em roda

A comunicação é uma necessidade humana e permeia a vida dos sujeitos em diferentes circunstâncias, como na esfera familiar, no grupo de convívio social, no ambiente escolar, no trabalho, acontecendo de maneira formal e informal, variando em função do contexto presenciado. E a conversa em roda representa uma prática presente em diferentes grupos, em diferentes culturas, em diversas situações informais, como são os casos das “rodas de viola”, “rodas de chimarrão”, “rodas em volta da fogueira”, entre outras. Isso ocorre também na instituição educativa, onde a criança participa de situações de conversa informal com adultos e/ou outras crianças, no momento da higiene, da alimentação, das brincadeiras, na realização das atividades propostas e no descanso. A comunicação se constrói visando ao convívio no coletivo.

Conversar implica na relação com o outro, no respeito, no saber ouvir e falar, no aguardar a vez, no colocar-se sob o ponto de vista do outro. Na instituição educativa, a conversa deve fazer parte do cotidiano em atividades planejadas com finalidade comunicativa, para que, na interlocução com o outro, a criança tenha possibilidade de construir seus relatos fazendo perguntas, comentando ou sugerindo.

A roda é um espaço que contribui para a aprendizagem da escuta, estimula o desenvolvimento da linguagem oral e permite que todos possam se expressar. Pode acontecer no início de cada dia, com a participação do grupo disposto no formato circular, o que possibilita a visualização de todos.



Assuntos de criança

Os assuntos podem ser diversos, tanto os levados pelas crianças como os escolhidos de forma criteriosa pelo educador/professor, que deve se colocar para ouvi-las e para apoiá-las na fala e na construção do aprendizado de ouvir os colegas.

Um assunto importante é o relato de experiências, como nos exemplos a seguir.

“Não pode comer carne. Falaram na TV que muitas pessoas podem morrer e a galinha está com febre.”

(criança do pré, Escola Municipal Miracy Rodrigues de Araújo NRE–BN)

“Durmo no meio do meu pai e da minha mãe. Depois, eu acordo e estou no meu quarto. Parece mágica.”

(criança do pré, Escola Municipal Miracy Rodrigues de Araújo NRE – BN)

É na conversa que as crianças buscam soluções para conflitos, e, enquanto resolvem seus problemas, aprendem a usar a linguagem, como vemos no exemplo a seguir, um diálogo entre mãe e filho.

Alexandre – 4 anos

Alexandre: Ô, mãe, você pegou o meu lanche?

Mãe: Peguei.

Alexandre: E o salgadinho “cabeu” na mochila?

Mãe: Coube, meu filho.

Alexandre: Mãe! “Cabeu” o lanche na mochila?

Mãe: Coube, Alexandre!

Não satisfeito com a resposta da mãe, o menino olha sério para ela e diz:

Mãe, coube está errado, o certo é “cabeu” – afirma convicto.

Mãe: Não, Ale. “Cabeu” está errado, o correto é “coube”.

Alexandre: Não, mãe, é cabeu!

Mãe: Ale... (a mãe é interrompida)

Alexandre: Tá bom, mãe, entrou ou não entrou o lanche na mochila?

(CMEI Vila Leonice – NRE – BV – Educadora: Patrícia Mara Galvão)

Ana – 3 anos

Ana: É mesmo, né? Todo dia é assim, anoitece e “endiece”...

(CMEI Cajuru – NRE – CJ)

Camila – 3 anos

Camila: Ele me mordeu, eu não sou comidinha...

(CMEI Cajuru – NRE – CJ)

Explicar o mecanismo e o funcionamento das coisas bem como o que se passa consigo também é um ótimo estímulo para o pensamento da criança que conversa em roda. Na sequência, apresentamos algumas conversas de crianças do CMEI Cajuru – NRE – CJ, registradas pela pedagoga Adélia Cristina Z. Crocetti.

Luan – 5 anos

Luan: O que eu acho de desenhar? É legal, legalzinho, mas minha mão não consegue fazer igual como é, sabe? Não cabe no papel, então tem que fazer mais menor, e fica quase igual, só que menor...

Adélia: Como assim?

Luan: Ah! Ó, essa árvore da creche não cabe na folha, então eu desenho mais menor, daí fica igual, parecido. Às vezes, eu me lembro de alguma coisinha da minha cabeça e a mão não faz igual...

Carla – 5 anos

Carla: Eu gosto de ver livro com desenho e com letrinhas. Eu leio os desenhos e acho as letrinhas ser o que eu acho que é...

Aline – 3 anos e meio

Adélia: Vamos, Karine, deita aqui pertinho de mim, vamos fazer um soninho? Vamos descansar?

Aline: Eu não consigo!

Adélia: Mas o que acontece?

Aline: Ah, o soninho tá chegando na cabeça e no olho, mas a minha perninha, mãozinha precisa se mexer, elas pulam por dentro...

Nas conversas, as crianças expressam seus pensamentos, inquietações, compartilham ideias que alimentam outras ideias, num exercício criativo e interessante de seguir pensando em voz alta.

Marcos – 4 anos

Marcos: Ô, Adélia, por que você passa batom?

Adélia: Ah! Para ficar bonita?!

Marcos (olhando-a dos pés à cabeça): É?! E por que não fica?

Luana – 4 anos

Luana: Hoje, eu não quero nada, tô muito brava... sai pra lá...

Adélia: Mas o que aconteceu pra você ficar tão braba?

Luana: Ah! Precisa de ver, eu não posso fazer nada sozinha por causa que eu sou pequena... mas, na hora de dormir, que eu tenho muito medo do escuro, eu tenho que dormir sozinha na minha cama do meu quarto, e o meu pai e minha mãe, que são grandes e não têm medo do escuro, dormem juntinhos... isso não tá certo...

Mateus – 5 anos; Vítor – 5 anos; Bruno – 4 anos; Camila – 4 anos

Mateus: Sabe, meu cachorro morreu, e meu pai plantou ele morto lá no quintal. Eu gostava tanto dele, ele brincava comigo e trazia pulga pra minha roupa.

Vítor: É, eu também, meu cachorro morreu na rua e ninguém enterrou no chão...

Bruna: É, mais minha avó morreu e colocaram num buraco. Mas como que ela vai pro céu, se tá na terra?

Camila: Minha mãe falou que é o espírito, a alma que vai pro céu, e nosso corpo vira esqueleto, caveira...

Vítor: Então a gente é dois? Alma e caveira? Eu não quero morrer e, se for pro céu e pro buraco, eu quero ir com meu pai e minha mãe.

Luana – 4 anos

Luana: Quando tô acordada, eu tô aqui, mas, no sonho, eu tô andando. Eu quero saber se, quando eu durmo, eu saio da creche para ir no sonho...

Guilherme – 3 anos e meio

Guilherme: Eu vou contar uma história: era uma vez, e muitas vezes, o cavalinho pulou e pulou e viveu feliz para sempre. Agora, veja se o cavalinho é igual a esse – mostrando as páginas do livro – por causa que na minha cabeça não é desse jeito, ele nem pula assim, o cavalo da rua anda mostrando os dentes.

A roda de conversa também dá contexto para a criança expressar suas emoções, fazer-se entender e, ao mesmo tempo, entender o que se passa com ela mesma, como vemos a seguir.

Júlia – 4 anos

Júlia: Eu quero minha mãe, eu quero minha mãe...

Adélia: Sua mãe está trabalhando e, depois do almoço, ela vem te buscar...

Júlia: E o almoço vai demorar?

Adélia: Vai um pouco, mas vamos brincar enquanto esperamos sua mãe?

Júlia: Eu quero minha mãe...

Adélia: E não serve eu? Quer ser minha amiga?

Júlia: Não, você não serve, eu sou só da minha mãe e do meu avô...

Rodrigo – 3 anos

Rodrigo (olhando para o sol que entrava pela janela): Ô, Adélia, o sol tá olhando pra mim, vem dá um jeito...

João – 5 anos; Cássia – 5 anos

Adélia: O que foi que deixou você tão triste assim, João?

João: Meu avô morreu, sinto falta dele...

Cássia: Não fique triste, eu tenho dois avós, eu te empresto o vô Carlos, só que ele bebe muito...

As instituições de educação infantil, com o propósito de ampliar as competências narrativas das crianças, poderão propor situações diversificadas que permitam a compreensão da linguagem, a conversa, a fala e a escuta. Nesse sentido, cabe ao educador/professor promover momentos diferenciados dos que as crianças vivenciam no universo familiar, assim como o contato com diferentes temas, contextos e interlocutores, visando expandir suas experiências infantis, possibilitando que se expressem com mais precisão.

O papel do educador/professor na roda de conversa

Por que as crianças falam “errado”?

Em relação à linguagem, a criança torna-se falante de sua língua materna porque observa ativamente o que se fala à sua volta e, nessa observação, estabelece relações, busca regularidades, faz generalizações. Assim, as construções infantis, do tipo “eu dizi”, “eu fazi”, “eu ponhei”, “eu di”, “eu comei”, são indicadoras de erros construtivos. A criança regulariza os verbos irregulares,

logo ela recria a linguagem fazendo reconstrução lógica dos “falares” que observa na interação com os falantes de seu idioma.

AVILA, 2002, p. 39

Compreendendo o esforço da criança no contexto do desenvolvimento da fala, o adulto desempenha um importante papel ao valorizar suas diferentes produções orais, agindo como um parceiro que a desafia e auxilia na conquista de uma das formas mais significativas de interação, utilizando a linguagem oral e dialogando com ela em todas as situações.

Considerando a linguagem como um recurso a ser desenvolvido pela criança para que ela compreenda o mundo e se insira nele, é função do profissional que atua na educação infantil possibilitar a experimentação de situações reais de comunicação, através do enriquecimento dos contextos de linguagem, apresentando temáticas que ampliem o seu conhecimento, realizando intervenções nesse processo.

Cabe ao adulto criar situações comunicativas, estimulando e dando sentido às verbalizações, interferindo com perguntas que possibilitem à criança a ampliação de suas ideias e a melhor organização de seus pensamentos e de sua expressão oral. Da mesma opinião, Zen (2002, p. 33) afirma que “as crianças adquirem a linguagem oral sendo envolvidas em situações comunicativas, onde a linguagem seja significativa para elas”.

A busca de atividades significativas que proponham desafios e possibilitem o emprego da linguagem em contextos distintos e com diferentes interlocutores oportuniza a ampliação do vocabulário e o enriquecimento de estruturas linguísticas fundamentais na constituição de sujeitos falantes, capazes de comunicar sentimentos, emoções, necessidades, ideias, acontecimentos, entre outros, inseridos numa sociedade que faz uso da linguagem e tem a interação como fundamental para o desenvolvimento e a aprendizagem.

De fato, segundo Zen (2002, p. 53), “é usando a linguagem, ativamente, que a criança descobre suas possibilidades, ou seja, compreende a língua que fala enquanto sistema”.

Uma das possibilidades de envolver as crianças em uma situação de uso da linguagem de forma significativa é a roda de conversa, em que a princípio a condução fica a cargo do educador/professor, e, timidamente, as crianças começam a participar, até se tornarem usuárias da língua, expressando seus desejos, ideias, sentimentos, etc.

Nesse contexto, o educador/professor, interagindo e, com as respostas, fornecendo à criança uma estrutura discursiva nova, favorece a elaboração de

novos conceitos mais complexos.

Segundo Wallon, citado por Leite (1996, p.13), o pensamento da criança se organiza de forma sincrética, ou seja, é “regido mais pelas leis afetivas do que pelas lógicas”. As associações estabelecidas pelas crianças são diferentes da lógica do adulto, isto é, estabelecem relações que só têm significados para ela e que são engraçadas ou absurdas para os adultos.

Assim, é importante o uso de imagens ou objetos que auxiliem a memória no trabalho coletivo com a linguagem oral, entendidos como “disparadores de conversa”. Esses disparadores permitem lançar uma temática, abrir para a discussão, nortear as relações da criança e, finalmente, voltar ao assunto central para que o educador/professor possa fazer o fechamento conclusivo.

Por isso, é importante que o educador/professor assegure momentos em que as crianças tenham a oportunidade para falar e ouvir. É necessário abrir espaço para que conversem sobre brincadeiras e brinquedos, personagens de desenhos animados ou histórias, programas de TV, acontecimentos marcantes para a turma (a participação em atividades, passeios, festas e comemorações e o acolhimento a visitantes na instituição), entre outros, permitindo também a discussão e a reflexão sobre conflitos.

Uma variação para as rodas é a “roda de apreciação”, que possibilita a exploração de materiais diversos, como gravuras, imagens de obras de arte, fotografias, desenhos, gibis, livros, etc., despertando a curiosidade infantil e desafiando as crianças a realizarem a leitura de imagens, que favorece o desenvolvimento da observação e da sensibilização.



Respeito à diversidade

CMEI
Sta. Helena
NRE – CIC

Considerando a dimensão do território brasileiro, identifica-se uma variedade de manifestações de uso da linguagem, específica de cada local, percebida, por exemplo, no uso de diferentes termos para um mesmo significado. Essa regionalidade deve ser conhecida, considerada e respeitada, pois possibilita a apropriação de outros recursos expressivos, constituindo uma das formas de ampliar o universo discursivo da criança.

Outro fator a ser considerado quanto à forma de expressão da criança provém do grupo social ao qual ela pertence, pois, geralmente, se reproduz aquilo que se ouve. Nesse sentido, não existe o certo e o errado, existem formas diferentes de falar, e, entre elas, algumas têm prestígio social e outras sofrem preconceito linguístico.

A instituição educativa deverá oportunizar às crianças a utilização da linguagem padrão (norma culta ou língua de prestígio) para que estas a conheçam e possam empregá-la de forma compatível com cada situação vivenciada (formais ou informais). O educador/professor deve diversificar intencionalmente os interlocutores e propiciar condições reais do uso da língua, com a vivência de muitas situações, como, por exemplo, visitas, entrevistas ou relatos, de forma que a criança perceba a necessidade de modificar seu comportamento/vocabulário. Outro importante auxílio para esta tarefa é o acesso a textos de literatura, música e poesia para que sejam memorizados.

Penteado maluco

Observando que as crianças gostavam de brincar de cabeleireiro, profissionais do CMEI Marechal Cândido Rondon – Núcleo Regional da Educação da CIC (Cidade Industrial de Curitiba) realizaram a atividade o “Penteado maluco”, com 60 crianças das turmas de pré I e II.

Os objetivos eram: envolver a família nas atividades do CMEI; socializar as crianças; trabalhar com o desenho infantil (retratos); promover rodas de conversa, de canto, e de encenação sobre as profissões. As atividades foram desenvolvidas pelos profissionais: Denise Senna, Rita do Rocio Ansai, Luciana de Fátima Bytner, Cleide Tacior, Jéferson Pimentel, Alcioni de Souza, Michele Porto e Nabila Musa.

Em um primeiro momento, ocorreu a roda de conversa na turma do pré II, tendo como disparadores objetos utilizados por profissionais que atuam em salão de cabeleireiro. Depois, as crianças puderam incrementar o “cantinho do salão de beleza”, inserindo espaços para manicure, massagem, penteado, maquiagem e sala de espera. Nessa atividade, as crianças participaram de todos os momentos em rodízio. Para isso, foram utilizados diversos materiais, como: pentes, escovas, espelhos, prendedores de cabelo, telefones, lápis, papel, canetas, colchonetes, maquiagem atóxica, cadeiras, entre outros.



Pedro Célio Borgo Pinto – Pré II
CMEI Mal. Cândido Rondon
NRE – CIC



Desenho – Pedro Célio Borgo Pinto
CMEI Mal. Cândido Rondon
NRE – CIC

Posteriormente, foi elaborado, junto com as crianças, um bilhete para ser entregue às famílias solicitando que, no dia combinado, as crianças comparecessem ao CMEI com um penteado maluco feito com o auxílio da família.

Depois, foram organizadas a realização de um desfile, a elaboração do desenho do penteado de que mais gostaram e uma roda de conversa, cujo disparador foi o penteado maluco. Seguem alguns comentários das crianças sobre a “produção” do seu cabelo.

Pedro: Minha mãe que fez, e minha irmã ajudou. Ela colocou gel, elástico e maquiagem. Eu escolhi. Disse que queria igual o solzinho Cauê (mascote dos Jogos Pan-americanos de 2007). Eu gostei de desfilar.



Bryan Carlos da Silva – Pré II
Nicole Grazielle Baptista – Pré II
CMEI Mal. Cândido Rondon
NRE – CIC



Desenho
Nicole Grazielle Baptista – Pré I
CMEI Mal. Cândido Rondon
NRE – CIC

Paulo: Minha mãe que fez. Ela molhou papel roxo e passou no meu cabelo hoje de manhã.

Ana: Minha mãe e meu pai fizeram. Ela, o rabicó, e meu pai pegou o elástico da minha calça velha e fez esse aqui na frente.

Bryan: Minha mãe que fez com tinta spray azul. Ela colocou no meu cabelo e eu gostei.

Roda de entrevista¹

Em razão do trabalho sobre linguagens plásticas realizado no CMEI Vila Torres – Núcleo Regional da Educação da Matriz, a turma do pré II apreciou obras do artista paranaense Alfredo Andersen e de outros renomados pintores. Essa apreciação serviu como disparador para rodas de conversa e também para identificar aspectos relacionados ao fazer artístico, como: cor, textura, linha, volume, plano, entre outros.

Para enriquecer o trabalho, a turma recebeu a visita da artista plástica Maria Luiza Perin, que, com muita habilidade, pintou, ao vivo e a cores, uma tela para a apreciação das crianças do CMEI.

A interação da artista Maria Luiza com as crianças, pintando e fazendo arte com elas, despertou ainda mais interesse sobre o tema. Durante a realização da obra, houve espaço para expressão oral. As crianças perguntavam, comentavam e tiravam suas próprias conclusões sobre todos os momentos da criação.

¹ Registro elaborado pela pedagoga do CMEI Vila Torres, NRE – MZ, Patrícia Ribeiro Galli, em setembro de 2006.

Em um segundo momento, foi organizada, com as crianças, uma entrevista com a artista. Essa oportunidade de trabalho criou um espaço em que elas puderam expressar suas ideias, conhecimentos e sentimentos sobre as artes e sobre tudo que construíram.

Para a execução dessa atividade, as educadoras promoveram uma roda de conversa, em que foram trabalhados o conceito de uma entrevista e os diferentes papéis do entrevistado e do entrevistador, situando as crianças com exemplos a que costumam assistir pela TV. Em outra roda, foi lembrada a primeira visita da artista, por meio de fotos e da obra produzida, e organizadas as perguntas a serem feitas no momento da entrevista. Destacam-se, aqui, algumas dessas perguntas formuladas com as crianças:

Fábio: Que material você gosta de pintar?

Eliane: Quem te ensinou a pintar?

Ísis: De que cor você mais gosta?

Luís: Quem te ensinou a misturar as cores?

Marcos: Você se suja quando pinta?

Diego: Você pintava quando era criança?

Todos no mesmo assunto

Professora: O que vocês querem contar de novidade para os amiguinhos?

Ricardo: Eu fui no Shopping Barigüi.

Professora: O que tinha no shopping?

Ricardo: Eu fui na salinha... eu tava com medo, tinha um túnel...

Bruna: Eu fui no Parque Barigüi.

Ricardo: Eu não encontrei ela.

Luan: Eu fui no Parque Barigüi e vi o Ricardo.

CMEI Nice Braga – NRE – PR, Turma Jardim I, Professora Salete

Nessa roda de conversa, podemos observar uma marca característica da linguagem infantil, ou seja, a

criança pequena não diferencia o outro de si mesma. Quando uma criança diz que foi ao shopping, todos afirmam que também foram, mesmo sem realmente terem ido.

Conversa sobre o zoo

Tiago: Eu fui no zoológico.

Professora: O que você viu de mais bonito?

Arthur: Eu vi um boi com chifre.

Professora: Vamos ouvir o que o Tales quer contar.

Tiago: Eu vi a girafa.

Arthur: Eu vi um tigre dormindo, fedorento.

CMEI Nice Braga – NRE – PR, Turma Jardim I, Professora Salete

Animais mamíferos

Educadora 1: Vocês já viram algum animal que mama?

Crianças: Sim... vaca, cavalo, porquinho, urso panda!

Educadora 2: Sara, como você sabe que as vacas mamam?

Pietra: Ela tem leite!

Educadora 2: É mesmo. E aquele leite que a gente compra, de onde vem?

Quase todos: Da vaca!

Alguns: Nãoããoo!

Educadora 1: Não? De onde vem o leite então?

Lia: Acho que o homem não deixa entrar no mercado (risos, inclusive das educadoras).

Educadora 2: Eu acho que a Lia tem razão, porque eu nunca vi a vaca entregando leite no mercado. Então... como será que o leite chega ao mercado??? (dúvida no ar, as educadoras acham que é a chance de explicar, mas se iludem, porque a Sara sabe e explica).

Sara: O homem do Superpão vai buscar o leite láááá na fazenda, traz pro mercado e vende pra mãe da gente!

Educadoras: !!!

Bernardo: O urso panda também mama?

Educadora 2: Sim (mostra alguns animais num livro, explica o que é um mamífero, etc.).

Thais: Eu vi no filme um urso polaco!

Educadora 2: ???

Educadora 1: Acho que você quis dizer urso-polar, Thais!

(Risos, muitos, porque uma boa conversa termina sempre com risos.)

CMEI Santa Izabel – NRE – BN, Turma Pré I A

Diferenças entre meninos e meninas

Os recursos utilizados nesta atividade foram bonecos que têm os órgãos sexuais. No centro da roda, foram colocados dois bonecos representando uma menina e um menino.

Beatriz: É uma menina, e este outro é um menino.

Educadora: Como você sabe que essa é uma menina?

Beatriz: Ué, ela tem “periquita”.

Educadora: Ah é! E o outro o que tem?

Beatriz: Pipi.

Educadora: E o que os meninos fazem com o pipi?

Gustavo: Xixi, lá na água do vaso.

Educadora: E o que acontece se fizer fora da água do vaso?

Maicon: O banheiro fica fedido.

Manuela: Sabia que o neném sai pela “perereca”?

Juliana: É nada, sai pelas pernas.

Educadora: Como, então, ele sai pelas pernas?

Juliana: Pelo buraquinho que tem?

Educadora: E um bebê consegue sair pelo buraquinho?

Manuela: Só se tiver dois buraquinhos.

Educadora: E onde fica o buraquinho?

Juliana: Aqui, ó... (mostra a perna)

Maicon: Né que rosa é cor de menina?

Educadora: Por que você acha que rosa é cor de menina?

Maicon: Minha mãe falou.

Carine: Meu irmão tem um tênis que é rosa.

Educadora: E você acha que ele é menina porque usa tênis rosa?

Carine: Não, ele é menino porque tem “pipi”.

CMEI Rio Negro – NRE – N, Turma Pré 1

A roda de conversa foi encerrada com as crianças dando um banho nos bonecos em banheirinhas.

Chegando o Natal

O tema em discussão na turma foi o Natal e os símbolos natalinos. As educadoras planejaram uma roda com a presença do Papai Noel.

Gabriel: Oi, Papai Noel!

Papai Noel: Tudo bem com vocês?

José: Tem presente?

Papai Noel: O saco está vazio.

Carla: Tem sim.

Pedagoga: Como será que o Papai Noel chegou até aqui? Será que foi de carroça?

Luan: Ele veio com a asa, ele veio de carroça.

Eliana: O Papai Noel traz presente para a gente porque ele é muito bonito.

Eliana: Sabia que o Papai Noel faz ginástica?

Gabriel: Nem faz nada, ele trabalha lá no serviço.

Helen: O meu pai se veste de Papai Noel.

Bárbara: Nem é o teu pai, é a Joana.

Papai Noel: Quem é a Joana?

Eliana: É você!!!

CMEI Rio Negro – NRE – BN, Turma Pré 1

A roda de conversa foi encerrada com o Papai Noel se revelando para as crianças.

Em seguida, cada criança colocou a barba e a touca do Papai Noel.

Conversando sobre o passeio da Emília²

Leitura do diário da Emília para a turma

Com a observação do interesse do grupo de crianças do pré II pelos bonecos incluídos nas brincadeiras de faz de conta, Priscila de Souza, Bruno Calado de Araújo e Claudete de Fátima Luís, profissionais do CMEI Servidores II do Núcleo Regional da Educação da Matriz, propuseram às crianças a confecção de uma boneca, cujos objetivos foram: ampliar o universo discursivo das crianças, desenvolvendo a comunicação oral; promover a responsabilidade e a afetividade nas ações da criança.

Quando uma boneca ganha vida para os olhos infantis, ela favorece o imaginário, exercendo um grande fascínio. Todas as crianças se envolveram e participaram ativamente na montagem da boneca, usando jornal, meias de nylon e lã. Escolheram suas roupas, colocaram peruca e delinearam seu rosto. Por fim, deram-lhe uma mochila com um caderno e um penal recheado com lápis coloridos, giz de cera e canetinhas. Chamaram-na de Emília.

Cada dia, a turma escolhia a criança que levaria a nova amiga da sala para passar a noite na sua casa e ser sua companhia para brincar, jogar, cantar, dançar, ler, conversar, etc., sob a responsabilidade de cuidar efetivamente da boneca e trazê-la de volta ao CMEI, em

²Trechos do Projeto Emília, desenvolvido por Priscila de Souza, Bruno Calado de Araújo e Claudete de Fátima Luís. CMEI Servidores II – NRE – MZ

bom estado, no dia seguinte.

Era necessário também registrar, no caderno que acompanhava a mochila, todas as atividades realizadas em sua casa com a nova amiguinha, a Emília. A participação dos pais nesta tarefa foi fundamental, pois eles desempenharam o papel de escriba, registrando tudo no diário, como se fossem a própria boneca narrando, e a criança ilustrava com desenhos.

No CMEI, as crianças contavam umas para as outras como tinha sido a visita da boneca a sua casa.



Leitura do diário da Emília para a turma



Desenho do Lucas e o registro feito por sua mãe

Conversando e brincando

Veja, a seguir, algumas sugestões para estimular a interação e as conversas entre crianças, que também poderão ser utilizadas nos momentos da roda como disparadores.

Jogo com cartões: Fotos das crianças coladas em cartões, dispostos no chão. Cada uma delas escolhe um cartão e descreve as características físicas observadas, como, por exemplo, cor dos olhos, cabelo, gênero (menino ou menina), cor da roupa, entre outros. Sem falar o nome, as demais crianças deverão adivinhar a quem se refere a descrição.

Jogo das expressões faciais: Cartões contendo “carinhas” com diferentes expressões faciais. A criança representa por mímica a expressão que corresponde ao seu cartão, e as demais deverão adivinhar o que foi representado.

Caixas mágicas: Caixas de diferentes tamanhos, colocadas umas dentro das outras. A menor deverá conter uma surpresa (por exemplo, um boneco ou um bichinho de pelúcia, que “canta” e “conversa” com as crianças).

Álbum de fotografia: Organizar um “álbum da vida”, com fotografias selecionadas pela criança (diferentes idades, sua família, sua casa, momentos marcantes). Cada criança terá um dia para conversar na roda sobre suas fotos, e o educador/professor deverá registrar com ela, no álbum, as suas palavras a respeito do conteúdo das fotos.

Relatos pessoais: Cada um tem uma história de vida. Conhecer as pessoas, saber de onde elas vêm, o que elas pensam e por que estão contando sua história é importante para que a criança possa diferenciar-se dos outros e ser considerada na sua individualidade.

Disparadores para rodas de conversa

Fotografias: Fotos de algo significativo para as crianças para serem comentadas pelo grupo (essas fotos podem ser trazidas

por uma criança ou apresentadas pelo educador/professor dentro de um contexto).

Saquinho de férias: Cada criança recebe um saquinho, que pode ser feito em TNT, para ser levado para casa e onde ela guardará algum objeto que lhe seja importante e lembre o período das férias. No retorno ao CMEI ou à escola, poderão ser organizadas rodas de conversa, tendo como tema os objetos trazidos.



CMEI Jardim Saturno
NRE – SF

Baú-surpresa: Revestir uma caixa com papel colorido e, dentro dela, colocar objetos variados. A criança escolhe um objeto sem olhá-lo e descreve suas características.



CMEI Tapajós II
NRE – BQ

Produções gráficas: Desenhos, pinturas e colagens feitos pelas crianças também podem ser tema para rodas de conversa.

Passeios, teatros, festas: Eventos na comunidade podem direcionar as conversas com os grupos de criança.

Brinquedos: Brinquedos levados pelo educador/professor ou por alguma criança suscitam conversa, da qual todas as outras devem ser estimuladas a participar.

Obras de arte: Reproduções de artistas e esculturas apresentadas às crianças são elementos que suscitam conversa. É importante que essas obras sejam apresentadas de forma contextualizada.

Além da variação de temas, as rodas de conversa devem ser organizadas a fim de que, gradativamente, possam evoluir diversificando o interlocutor, o ambiente e o propósito.

Perguntas para nortear rodas de conversa

- Utilizar perguntas sobre um evento (Aonde você foi?); personagens (Quem era? Com quem?); cenário (O que continha?); a forma de chegar a um determinado local e a ação ocorrida (O que você fez lá?).
- Evitar perguntas com respostas previsíveis (sim, não,...).
- Evitar perguntas de tempo (quando?) e causalidade (por quê?), visto que as crianças muito pequenas estão em processo de construção das noções temporais.
- Participar nos diálogos de várias maneiras: mostrando as contradições nos enunciados das crianças, instigando a fantasia e a imaginação e elaborando perguntas que possibilitem às crianças o estabelecimento de relações com as colocações dos colegas e com experiências vivenciadas em diferentes momentos.
- Direcionar às crianças perguntas abertas e dar o tempo necessário para que possam respondê-las.
- Pedir às crianças que contem como fizeram um trabalho, opinem sobre o que viram, vivenciaram ou escutaram.

Os jogos de linguagem

Outra forma de brincar com as palavras é por meio da poesia. Considerada a primeira manifestação de expressão literária, ela tem no lúdico um elemento fundamental. Conforme Cunha (2005, p. 89), a poesia “é um espaço para o prazer, a diversão, o encantamento com a palavra a partir da palavra”.

A poesia na infância

A poesia popular apresenta marcas que são constantes também na tradição oral e apontam para o início do trabalho com literatura. Muitos poemas para a infância têm origem na tradição popular. Com acalantos, parlendas, adivinhas e cantigas de roda, a criança é iniciada na linguagem poética, pois a simplicidade dessas manifestações é adequada à apreensão dos pequenos.

O gosto pela poesia se manifesta desde a infância, e a essência poética está na emoção, nos sentimentos, podendo ser a propulsora para a leitura. As crianças se interessam pelos recursos sonoros da poesia, como a inflexão da voz, as onomatopeias, as repetições, as tonalidades, etc. Ela desenvolve a imaginação, enriquece o vocabulário e desperta o interesse pela linguagem.

Emerson – 5 anos; Camila – 5 anos; Adélia – pedagoga

Emerson: Eu sei o que é poesia, é as palavras tudo arrumadinhas, tudo com o mesmo barulhinho...

Adélia: Como assim?

Emerson: Quer ver? É assim, ó: batatinha-mãozinha, amor-calor, Ana-banana, Daniel-quartel, Cristina-gelatina...

Camila: É, mais tem poesia que não é arrumadinha, mas faz a gente feliz, sabe, assim: “Hoje estou feliz, vou sorrir, lá, lá, lá...”

CMEI Cajuru – NRE – CJ

A poesia infantil está pautada na tematização do cotidiano, apresenta valor estético e é um dos meios de criar novas linguagens e de respeitar o mundo da criança.

Muitos poetas, com estilos literários diferenciados, dedicaram obras à infância, como Mario Quintana, Sidónio Muralha, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, José Paulo Paes, Sérgio Capparelli e tantos outros, dos clássicos aos contemporâneos.

A poesia capta a beleza existente no universo e emociona devido ao seu ritmo, sonoridade, simplicidade e clareza. A possibilidade de a criança vivenciá-la desperta o gosto e abre caminhos para o desenvolvimento da sensibilidade.

Projeto Criança e poesia: uma brincadeira com as palavras³

No segundo semestre do ano de 2005, a poesia invadiu o CMEI Servidores I – Núcleo Regional da Educação da Matriz, com o projeto Criança e poesia: uma brincadeira com as palavras. As professoras Clair Antunes e Daisily de Quadros conduziram o projeto com as turmas de pré I e pré II. Com esse trabalho, as crianças conheceram poemas de José Paulo Paes, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Sidônio Muralha, além de outros nomes da literatura brasileira.

A proposta de trabalho com poesia de forma lúdica teve o intuito de instigar a imaginação e a oralidade da criança. O mito poesia enquanto forma literária difícil foi esquecido, e ela foi apresentada enquanto linguagem voltada para questões da realidade infantil, que revela tanto a surpresa do mundo interno do leitor como também do mundo externo. Afinal, a poesia deve convidar a criança para “brincar com palavras como se brinca com bola, papagaio, pião” (PAES, 2001).

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

José Paulo Paes

Compartilhando experiências educativas

³Trechos do projeto “Criança e poesia: uma brincadeira com as palavras”, do Escola & Universidade. Professoras: Clair Antunes e Daisily de Quadros, do CMEI Servidores I, NRE – MZ.

Após a leitura dos poemas com entonação e emoção e a realização de diversas atividades, foi

desenvolvido com cada turma um livro de poemas. Neles, há o registro das poesias trabalhadas e também as ilustrações que as crianças fizeram com o uso de diferentes técnicas. Com o término do projeto, as crianças, uma por vez, levaram o livro de turma para casa e foram incentivadas a pedir que seus pais ou responsáveis lessem os poemas, estendendo, assim, o projeto do CMEI para o lar.



Projeto Criança e poesia
CMEI Servidores I
NRE – Matriz

A finalização do projeto aconteceu com uma contação de poemas. Alguns pais pesquisaram obras para declamar em sala, e outros enviaram-nas para compor o mural realizado. A participação dos pais chamou muita atenção das crianças, estreitou a relação família e CMEI e propiciou o incentivo à leitura. Uma das mães, por exemplo, levou a filha até a Biblioteca Pública do Paraná, já que não possuía livros de poesia em casa. A criança adorou a experiência, que foi uma novidade para ela. É a instituição de educação infantil cumprindo o seu papel de contribuir para a experimentação e o conhecimento do mundo, possibilitando o acesso da criança ao universo da leitura e envolvendo as famílias nesse processo.

O projeto realizado trouxe um novo repertório às crianças. Hoje, quando escolhem livros de literatura e contam histórias aos colegas, dizem: “Querem ouvir poesia”?

A poesia é marcada pelo brincar. O lúdico está presente no emaranhado das palavras, na rima, no ritmo, na musicalidade, na estética e no encantamento, o que faz da poesia um jogo.

Percebeu-se, através do projeto, que foram as imagens (símbolos, metáforas, alegorias...) e os sons (rimas, ritmos...) os principais fatores de atração das crianças pela poesia. E é esse despertar de sensações que causa todo o encantamento, que chama a criança para brincar de poesia.

As crianças e as flores

O Centro Municipal de Educação Infantil São Braz, Núcleo Regional da Educação de Santa Felicidade, realizou com as crianças do pré um trabalho sobre flores, sob a responsabilidade das profissionais Marciane Gaspareto Stella, Neusa Aparecida de Andrade Mazuroski e Lúcia de Lara Grande. A ideia surgiu depois de um passeio realizado com as crianças ao redor do CMEI, em que se percebeu o interesse delas pelos jardins e flores encontrados nas proximidades.

Inicialmente, foram trabalhadas as flores que se destacaram no passeio e as de interesse do grupo. Também foi feita uma pesquisa com as famílias sobre as flores que conheciam ou que tinham em casa e sobre pessoas conhecidas com nome de flor.

Bilhete encaminhado às famílias

Pais

Estamos fazendo um projeto sobre flores e queremos seu auxílio. Gostaríamos que possibilitassem a seu(sua) filho(a) o contato com flores, seus cheiros, suas cores e suas formas para podermos conversar a esse respeito aqui no CMEI.

Contamos com vocês!

Entre outras atividades, as crianças tiveram contato com poemas sobre o assunto, elegeram a flor mais bela, através da realização de um gráfico, ouviram e dramatizaram músicas e cantigas de roda, cultivaram seu próprio jardim e confeccionaram um livro intitulado “Nosso Jardim”, com o registro de desenhos sobre as observações do crescimento das flores plantadas.



CMEI São Braz
NRE – SF

Bilhete encaminhado às famílias

Senhores responsáveis

Como já comentamos, estamos trabalhando com o Projeto Flores. Pedimos sua colaboração para que pesquisem junto com seu(sua) filho(a) pessoas que tenham nome de flor. Vocês podem escrever, e seu(sua) filho(a), desenhar. Iremos fazer uma roda de conversa, e as crianças irão expor o que sabem.

Atenciosamente,

CMEI São Braz

Durante o desenvolvimento do projeto, foram realizadas rodas de conversa sobre as flores percebidas no passeio e sobre o resultado da entrevista com os pais a respeito das pessoas que têm nome de flor, entre outros assuntos.

A cooperação das famílias foi muito importante para o trabalho desenvolvido pela instituição.



Desenhos das crianças
CMEI São Braz
NRE – SF

Para jogar com as palavras

Rimas com nomes: Junto com as crianças, descobrir palavras que rimem com seus nomes.

Rimas: Diversos cartões com figuras variadas. A criança escolhe um, observa a figura, fala o que esta representa e acrescenta o nome de outro objeto que termine igual ao nome da sua figura (pode ser feito em duplas).

Variação de rimas: Cada criança recebe um cartão com uma figura. No chão, ficam dispostos outros cartões com figuras cujos nomes rimem com os das figuras das crianças. Cada uma, na sua vez, escolhe o cartão que faz par com o seu. Por exemplo, se a criança tem um cartão com a figura de um pião, deverá procurar outro cartão com figura de um balão, avião ou pão. Num outro momento, os cartões que ficam no chão, no centro da roda, poderão estar com a figura para baixo. A criança desvira um a um, observa se há rima e, se houver, fica com o cartão.

Sarau de poesias, quadrinhas ou adivinhas, entre outros: Depois que o educador/professor explorar bem os textos na oralidade, cada criança escolhe o que mais gostou. O texto selecionado poderá ser enviado aos pais para que leiam com seu filho em casa. Poderá ser organizado um dia em que as crianças apresentarão o texto escolhido aos colegas da sala, resultado da assimilação de algo significativo para elas, e não da memorização mecânica. Poderão ser convidadas crianças de outra sala para compartilhar esse momento.

Jogo de percurso: Em cada parada de um trajeto preestabelecido, solicitar à criança que cante uma música, recite um versinho, mencione uma palavra que rime, fale uma adivinha, etc.

Resgate de versos/brincadeiras de roda tradicionais: Algumas brincadeiras de roda convidam as crianças a recitarem versos, como, por exemplo, "Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar...". Há o momento em que uma criança é convidada a entrar na roda e recitar um verso conhecido.



Livros de poesias

CAMARGO, L. Panela de arroz. São Paulo: Ática, 1987.

CORREA, A. Poemas malandrinhos. São Paulo: Atual, 1992.

GULAR, F. Um gato chamado gatinho. São Paulo: Salamandra, 2000.

LALAU. Bem-te-vi e outras poesias. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1994.

_____. Fora da gaiola e outras poesias. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.

_____. Girassóis e outras poesias. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.

MEIRELES, C. Ou isto ou aquilo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

MORAES, V. de. A arca de Noé. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

PAES, J. P. Poemas para brincar. São Paulo: Ática, 2001.

_____. Olha o bicho. São Paulo: Ática, 1998.

Perroni (1983) destaca três tipos de narrativas para as crianças: o relato, a história e o caso.

Relato

É uma “verdade”, uma experiência vivida e narrada pela criança, que assume seu próprio discurso.

Exemplo: As crianças estavam conversando sobre o que fizeram no final de semana. *Pâmela* relatou: “Eu brinquei com minha irmã. Fui no mercado e a minha mãe comprou xampu da Mônica. A minha mãe fez almoço e ficou uma delícia. Eu brinquei com a Amanda” (criança do pré II – CMEI São João Del Rei, NRE – BN).

História

Nesse tipo de narrativa, há uso consistente do tempo passado, enredo fixo, personagens definidos e sequência lógica (início, meio e fim).

Exemplo: A história do Lobo Mau.

“Era uma vez o Lobo Mau. Ele tava lá na frente, daí ele chegou na casa dele e daí ele viu a Chapeuzinho Vermelho e disse que ia engolir Chapeuzinho. Ele engoliu Chapeuzinho. A barriga dele ficou beeemmm grande! E apareceu a onça e comeu ele. A onça veio e comeu o lobo” (criança do maternal I – CMEI Bairro Novo, NRE – BN, Projeto Conversando a gente se entende).

Caso

Não há compromisso com enredo fixo nem com a verdade. Há liberdade de criação de uma realidade fictícia. A linguagem é utilizada para o prazer, o prazer de inventar.

Exemplo: “Tinha um jacaré na minha casa e ele queria comer meu irmão. Aí apareceu um tubarão e eu fiquei amigo do jacaré e do tubarão (criança do pré – CMEI Rio Negro, NRE – BN).

Entre todas as formas de narrativas, destacamos as conceituadas pelos seguintes autores:

Causos

É interessante comparar essas narrativas (casos) com os “causos”, manifestação

popular de histórias extraordinárias, não raro de assombração, comuns em determinadas culturas no discurso do adulto. Refiro-me aos “causos” que têm toda uma aparência de verdade, mas que invariavelmente contêm elementos do sobrenatural, ou desligados de qualquer compromisso com o real. A semelhança entre “casos” da criança e esses outros de adultos está na liberdade de criação: são narrativas em que não se pode prever enredos ou desfechos.

PERRONI, 1992, p. 77

Causos

Nas fogueiras de Paysandú, Mellado Iturria conta causos. Conta acontecidos. Os acontecidos aconteceram alguma vez, ou quase aconteceram, ou não aconteceram nunca, mas têm uma coisa de bom: acontecem cada vez que são contados.

GALEANO, 2002, p. 8

As histórias são importantes para o desenvolvimento do discurso narrativo, pois propiciam “viajar sem sair do lugar”, alimentam a criatividade, a imaginação e a fantasia, possibilitam a construção de universos diferentes, ampliam o vocabulário e o conhecimento de mundo. De acordo com Vygotsky, citado por Leite (1996, p. 14), “a imaginação criativa também é aprendida e toda atividade criativa de imaginação depende de uma rica e variada experiência prévia”.

Ouvir histórias também amplia a competência comunicativa e as possibilidades de expressão verbal das crianças, por isso é importante no trabalho com educação infantil. Vale notar, no entanto, que há uma grande diferença entre ler e contar histórias.

Histórias contadas

As histórias de “roque-roque” são adequadas às crianças de até 2 anos ou 2 anos e meio. Já temos, porém, encontrado crianças com 5 anos que se interessam por esse gênero de histórias. A denominação de “histórias de roque-roque” tem a seguinte origem: há muitos anos, quando não havia cinema nem rádio, a grande distração das crianças era ouvir histórias. Essas histórias eram em geral contadas pela paciente avozinha ou por uma velha ama. E tudo se passava assim na saudosa fazenda dos tempos antigos. A avozinha sentava-se na cadeira de

balanço (ou na rede), punha o netinho no colo e começava a contar: “Era uma vez um menino...” E, enquanto ela contava, a cadeira (ou rede), a balançar, acompanhava o desenrolar da história: roque-roque...

TAHAN, 1957, p. 8

As histórias contadas são importantes do ponto de vista cultural e da linguagem, uma vez que trazem outros universos, novas formas de se apropriar de outros pontos de vista.

A contação de histórias é um ato criador, pois a narração exige do contador algumas habilidades, como o domínio da história a ser contada, a expressão facial e a gestual e as infinitas possibilidades de entonação da voz.

Para isso, é preciso criar expectativas, vivenciar o enredo com entusiasmo, criar um clima mágico, possibilitando o desenvolvimento do imaginário infantil, pois não há o objeto (livro) intermediando esse momento e, “a voz do mediador faz a mediação entre os dois contextos: o da história e o do ouvinte” (REZENDE, 2002, p. 72).

Em outros tempos, os camponeses utilizavam a narrativa com o objetivo de transmitir à nova geração a memória coletiva do seu grupo, compondo a história social. A vivência das narrativas pelas crianças contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação e evita que uma das formas mais antigas da transmissão do saber, ou seja, a manifestação oral, seja esquecida.

Crianças interagindo com a leitura. Manipulação de livros de história.



O ato de ouvir histórias resgata necessidades e desejos primitivos (curiosidade, medo, aconchego), assim como leva a conhecer o acervo das histórias da humanidade e a compreender as relações existentes na natureza e nas sociedades. É uma das possibilidades de aprender sobre o mundo, desenvolver o senso ético e estético.

A narrativa é uma atividade cultural universal. Os tipos de história e os conteúdos diferenciam-se de uma cultura para outra, e o incentivo dado pelos adultos à narração das crianças sofre influência da cultura. Conforme Perrotti (1984, p. 22), nos grupos infantis existe “uma cultura própria, viva, transmitida de boca a boca”, que é reelaborada pelas crianças segundo suas necessidades e, muitas vezes, transformada em algo diferente daquilo que serviu como inspiração.

Crianças interagindo com a leitura. Manipulação de livros de história.



CMEI Vila Ipiranga
NRE – BO

Histórias lidas

Existe uma acentuada diferença entre as histórias contadas e as histórias lidas para uma criança, já que a linguagem se reveste de qualidade estética quando escrita, e essas diferenças já podem ser percebidas por ela.

SIMÕES, 2000, p. 23

A leitura de histórias traz um conhecimento que diz respeito à linguagem que se escreve. A literatura tem um papel fundamental no jogo de faz de conta. Por se tratar de linguagem, possibilita à criança relacionar-se e interagir com o

outro e com o mundo a sua volta. "A literatura é alimento primordial para o imaginário infantil, fornecendo matéria-prima para os jogos de faz de conta" (FARIA, 2004, p. 55).

Na formação de leitores, é imprescindível que, desde os primeiros anos de vida, as crianças tenham oportunidade de acesso a bons textos, dos clássicos aos modernos, considerando os diversos tipos e gêneros: contos de fadas, fábulas, mitos, lendas, aventuras, histórias de diferentes culturas e épocas. Essa aproximação com a literatura é importante para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Alguns educadores/professores se preocupam com as dificuldades das crianças no entendimento de alguns textos escritos e procuram, durante a leitura, modificá-los. No entanto, Simões (2000, p. 26) destaca que, ao "reduzir ou modificar o texto escrito, transformando-o em linguagem coloquial, priva a criança de experimentar e perceber auditivamente as características que a linguagem escrita carrega (que diferem da linguagem oral)". Além disso, quando sentem necessidade de algum esclarecimento, as crianças perguntam.

O livro é um segundo caminho, como o sonho, mas é sonho que dura, pois, sendo legível, tem o poder de se repetir. Ao me representar eu me crio, ao me criar eu me repito. Donde a evidência de que a imaginação é tanto instrumento da criação quanto da experiência interior, donde a necessidade de reconhecer que o imaginário é o motor real, o que o movimenta.

HELD, 1980

As crianças têm certo fascínio pelas histórias lidas e gostam quando estas são repetidas, pois podem anteceder fatos de tanto ouvi-las, e isso lhes causa sensação de domínio e segurança. A repetição faz com que a criança assuma um papel mais ativo na narrativa: "o lugar do narrador".

Com a leitura de histórias, a criança pode conhecer formas de viver, pensar, agir, bem como o universo de valores e costumes de outros povos, situados em outros tempos e lugares, e construir outros universos de referência, através da linguagem do outro. Além disso, outras aprendizagens estão presentes. De acordo com Simões (2000, p. 23),

Ouvindo histórias, a criança aprende pela experiência a satisfação que uma história provoca; aprende a estrutura da história passando a ter consideração pela unidade e sequência do texto; associações convencionais que dirigem as

nossas expectativas ao ouvir histórias; o papel esperado de um lobo, de um leão, de um príncipe; delimitadores iniciais e finais (“era uma vez... e viveram felizes para sempre”) e estruturas linguísticas mais elaboradas, típicas da linguagem literária. Aprende pela experiência o som de um texto escrito lido em voz alta”.

Ambientes para ler e contar histórias

Se o propósito é formar leitores, a leitura não pode ser trabalhada eventualmente, necessita de trabalho diário, de atividade permanente, pois “uma conversa sobre um livro sempre estimula a leitura de outro” (FARIA, 2004, p. 58).

Para a leitura ou para a contação de histórias, é importante criar um ambiente favorável, que propicie o envolvimento no enredo e também a acomodação em posições confortáveis. Por ser uma atividade coletiva, muitas vezes são necessárias alternativas para “convidar” as crianças para este momento.



CMEI Coqueiros
NRE – BN

Perroni (1992, p. 58) apresenta algumas estratégias para a contação de histórias para as crianças mais novas, como: “entonação mais marcada; pausas numerosas; ritmo mais lento; frequentes descrições; segmentação da história por episódios e sequências temporais mais marcadas (por: e depois... e depois).”

Para o momento de histórias, não há necessidade da imposição do silêncio com o objetivo de assegurar a atenção forçada da criança. O educador/professor pode convidar as crianças a participarem tocando um sino,

apagando a luz, propondo uma adivinha... e a atenção será conquistada pelo mistério que envolve a história e pela arte e técnica do narrador.



CMEI Coqueiros
NRE – BN

A história deve ser escolhida antecipadamente e ser do domínio do leitor ou contador, considerando o valor literário e o interesse dos ouvintes. É suficiente em si própria, não sendo necessário desenvolver atividades posteriores relacionadas a ela, pois, nesse momento, o foco do trabalho é desenvolver o gosto pela leitura.

Dica para a roda de leitura

É frequente os profissionais perguntarem como lidar com as interferências das crianças durante a história. Para Machado (2004, p. 81), não é interferência, mas sim participação.

Uma interferência, em geral, é algo não previsto, que atrapalha, confunde, desestabiliza, muda o curso, traz “ruído”. Como se a história tivesse que ter um encaminhamento predeterminado, controlado, correto. Ao contrário, tudo que acontece no momento de contar é parte integrante da situação narrativa. A presença do narrador orchestra e incorpora o imprevisível a serviço da história. Estar presente é saber incluir o acaso – uma campainha que toca de repente, alguém que abre a porta e entra sem ser esperado, uma criança que faz uma pergunta, outra que começa a falar do pai ou do lanche no meio da narração –, fazendo caber tudo isso na situação narrativa. Estar presente é saber o que dizer para cada criança quando ela faz comentários durante a história. Para uma é

preciso sorrir, para outra, responder. Uma terceira só quer compartilhar o que a história está lhe dizendo, outra quer chamar a atenção, ou não consegue parar quieta.



CMEI Santa Efigênia
NRE – BV



CMEI Santa Efigênia
NRE – BV

Dona Baratinha

Em agosto de 2006, o Centro de Educação Infantil Conveniado AMAS Letras Douradas, Núcleo Regional da Educação do Boqueirão, realizou a apresentação de uma dramatização das crianças do pré III para as demais turmas do CEI. A peça, sob a responsabilidade da professora Sueli Ester Somerhauzer, foi resultado da história intitulada “Dona Baratinha”, e tinha como objetivos: a interação social do grupo, o incentivo à literatura e a realização de atividades envolvendo artes cênicas para promover a linguagem oral e a expressão das crianças.

A prática da roda de histórias nesse CEI é diária, assim, após a leitura da história da “Dona Baratinha⁴”, as crianças e a professora resolveram organizar um teatro. Decidiram por uma pequena alteração no final da versão original da história: a Dona Baratinha não se casa com Dom Ratão, e sim, por opção da turma, com um animal de sua espécie, que é Seu Dom Barato.

Dica

Para possibilitar a participação de todos no teatro, mais de uma criança poderá representar a mesma personagem. No caso dessa atividade, por exemplo, várias crianças poderiam ser a Dona Baratinha, participando de cenas diferentes.



CEI AMAS Letras Douradas
Cena do casamento da
Dona Baratinha
NRE – BQ

⁴História retirada do livro “Baú do professor: histórias e oficinas pedagógicas”. Autores: Walkíria Garcia, Áurea Rocha, Cláudia Miranda e Valderci Castro. Belo Horizonte: FAPI, 2003, v.3.

Na sequência, as crianças definiram os papéis, realizaram alguns ensaios e confeccionaram as máscaras de acordo com as personagens que iriam representar, buscando roupas e acessórios para compor o seu visual.

Para organizar a apresentação, a turma se reuniu no pátio e montou o cenário utilizando peças de encaixe para a estrutura da casa da Dona Baratinha e outros objetos da unidade, como mesa, cadeiras, vassoura, armário, panelinhas, pano, espelho e acessórios para a decoração. Ao lado, organizaram as cadeiras da igreja, onde seria realizado o casamento da personagem principal.



CEI Amas Letras Douradas
Montagem do cenário
feita pelas crianças
NRE – BQ

Para a professora Sueli Ester Somerhauzer, “estimular as crianças através da literatura pode proporcionar para cada uma delas novos caminhos a serem trilhados, pois é através dos contos e das histórias que levamos nossas crianças a imaginarem um mundo melhor”.

Brincar e jogar com narrativas

Em razão do vasto repertório de narrativas, é possível ao educador/professor propor diferentes situações para que as crianças experimentem os usos possíveis de sua língua.

1. Os jogos de narrar são possibilidades de trabalhar a linguagem oral, facilitar a expressão corporal e a desenvoltura, a improvisação, a entonação e a dicção, além de enriquecer a imaginação. Por serem brincadeiras improvisadas de cenas simples, auxiliam no desenvolvimento emocional e na socialização da criança. Esses jogos podem acontecer em brincadeiras de faz de conta, abordando temas contextualizados e que tenham relevância para as crianças, o que possibilita a vivência de situações práticas do cotidiano.



CMEI Santa Helena
NRE – CIC

2. As crianças têm interesse por fábulas, lendas folclóricas, histórias de fadas, bruxas e bichos, que poderão alimentar as brincadeiras. Por isso, é importante oferecer quantidade e qualidade de material literário para ampliar o repertório imaginativo infantil.

3. Uma peça de teatro de qualidade a que a criança assista estimula a criatividade, a imaginação e a fantasia infantil, como também é capaz de ajudá-la a conviver com suas angústias e medos.



CMEI Santa Felicidade
NRE – SF

4. O trabalho com representação também compreende o teatro de bonecos ou fantoches, que, além da simplicidade, é um autêntico brinquedo para as crianças. Permite o diálogo entre os bonecos e as crianças, tornando a história participativa.

5. Outra possibilidade é o teatro de sombras, em que as figuras aparecem na forma de silhuetas refletidas em uma tela, com uma iluminação na parte de trás, e podem ser feitas em papel celofane colorido ou preto.

6. O teatro de figuras também encanta as crianças, é feito com bonecos que podem ser desenhados pelas crianças e recortados em cartolina ou papelão, colados em um palito, ou recortados de revistas ou outros materiais, para serem movimentados em um palquinho.



CMEI Vila Ipiranga
NRE – PN

7. Outra forma de trabalhar com jogos simbólicos ocorre com a utilização de máscaras (confeccionadas ou não com as crianças), um recurso que pode servir para vencer as inibições. Para incrementar as brincadeiras ou os jogos

com narrativas, poderão ser elaborados, com a participação das crianças, fantasias ou adereços de personagens das histórias preferidas, desenhos ou pinturas para compor os cenários, fantoches e dedoches e ainda cantos.



Encenação das educadoras
CMEI Vila Ipiranga
NRE – PN

Dicas para o educador/professor para a leitura e a contação de histórias

Opção de leitura: Escolha e faça a leitura prévia do livro a ser trabalhado, considerando o autor, o tipo de história e a faixa etária. Inicie pela leitura de textos mais simples e inclua, com o decorrer do tempo, textos mais longos e complexos.

Preparação do ambiente: Organize-o de forma que as crianças fiquem bem acomodadas e tranquilas. Quando houver a necessidade ou a proposta de visualizar as imagens do livro que estiver sendo lido, disponha as crianças de forma que o acesso se torne possível.

Organização do espaço: Para os momentos de leitura de histórias ou de roda de conversa, organize e delimite o espaço com: tapete emborrachado, almofadas, cobrinha, feita em tecido e preenchida com serragem, ou algo semelhante.

Entonação de voz: Variações de entonação da voz, de forma clara e agradável, favorecem o envolvimento da criança na história.

Vocabulário: Durante a leitura, não é necessário substituir palavras desconhecidas pela criança. Essa é uma oportunidade para enriquecer o vocabulário infantil, ampliar seu repertório e conhecimento de mundo.

Reconto: O reconto, ou a leitura das histórias pelas crianças, deve ser incentivado pelo educador/professor, numa demonstração de entusiasmo e curiosidade.

Autoria: Realize momentos de criação de histórias de livros pelas crianças, com o seu auxílio.

Varição: A leitura e os jogos com rimas favorecem a percepção e discriminação auditivas.

Leitura no berçário: Utilize livros sem ilustração nos berçários, pois a melodia da voz, os sons, os ritmos e a entonação são importantes e interessantes para as crianças.

Diferentes estilos e versões: Inclua a leitura de diferentes obras de um mesmo autor. Utilize também diferentes narrativas e/ou poesias sobre o mesmo tema (bruxas, animais, dragões, brincadeiras, etc.). O mesmo conto pode

CMEI Jardim Esmeralda
NRE – BQ



ser encontrado em diferentes versões, por diferentes autores, o que possibilita às crianças o conhecimento de abordagens diferenciadas de clássicos da literatura.

Frequência: A leitura e a contação de histórias devem ser planejadas e incorporadas à rotina diária da turma, possibilitando a escolha de histórias favoritas e a sugestão de outras leituras.

Iniciando histórias

Além do “Era uma vez”, há outras possibilidades de se iniciar uma história, como:

- No tempo em que não havia tempo, no lugar que era lugar nenhum...
- Na época em que os animais falavam...
- Num dia muito distante, num lugar a mais de mil quilômetros daqui...
- Quando as estrelas ficavam muito perto da Terra...
- Alguém aqui já ouviu falar do ribombancho...

Finalizando histórias

Para encerrar as histórias, além de utilizar “e foram felizes para sempre...”, há outras possibilidades como:

- E o que era de vidro se quebrou. E o que era de papel molhou-se.

- Entrou por uma porta, saiu pela outra. O rei, meu senhor, que lhe conte outra...
- Entrou por uma perna de pinto, saiu por uma perna de pato, quem quiser que conte quatro...
- Entrou por uma perna de pato, saiu por uma perna de pinto, quem quiser que conte cinco...
- E foram felizes e comeram perdizes, só não me deram porque não quiseram...
- E, se as cordas do violino não tivessem se quebrado, eles estavam dançando até hoje...
- E foram felizes na Terra, como os anjos no Céu...
- Eu estava lá, na festa de casamento. Foi muito linda. Até peguei uns docinhos para trazer para vocês, mas quando cheguei na Ladeira do Concliz, escorreguei e quebrei o nariz...
- Era uma vez uma vaca Vitória. Caiu no buraco e começa outra história...
- Era uma vez uma vaca Teresa. Saiu do buraco e a história era a mesma...

Possibilidades de trabalho com a leitura

- Dramatização de alguma história trabalhada com as crianças, utilizando-se fantoches confeccionados por elas ou outros adereços.



CMEI Santa Felicidade
NRE – SF

●Algumas histórias, de acordo com o tema que abordam, podem favorecer a criação de um ambiente diferente, de modo que a criança “entre no clima”, como, por exemplo, a do livro “Quem tem medo de escuro”. Nesse caso, a sala poderá ser escurecida, e a leitura do livro

acontecerá com o auxílio de uma lanterna. Na roda de conversa, o educador/professor poderá aproveitar o tema e explorar a superação dos medos das crianças.

●Alguns recontos de histórias das crianças podem ser gravados em fita de áudio para que, posteriormente, possam ser ouvidos por elas mesmas, além de servir de registro para o educador/professor. Esse recurso permite identificar o interlocutor, a articulação das palavras, o vocabulário e os argumentos empregados, os questionamentos, entre outros aspectos.



CMEI Santa Felicidade
NRE – SF



CMEI Santa Helena
NRE – CIC

ALLSBURG, C. V. A vassoura encantada. São Paulo: Ática, 2000. (Coleção Clara Luz).

ARAGÃO, J. C. Trem chegou, trem já vai. São Paulo: Paulinas, 2003.

CORREIA, A. Poemas sapecas, rimas traquinas. Belo Horizonte: Formato, 1997.

FURNARI, E. Lolo barnabé. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006. (Coleção Avesso da Gente).

_____. Não confunda. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

_____. Quem cochicha o rabo espicha. São Paulo: FTD, 1991.

_____. Quem embaralha se atrapalha. São Paulo: FTD, 1991.

_____. Quem espia se arrepia. São Paulo: FTD, 1997.

_____. Você troca. São Paulo: Moderna, 1991.

IACOCCA, L. UUUUU, um barulho estranho. São Paulo: Ática, 1996. (Coleção Toc Toc).

JOLY, F. Quem tem medo de escuro. São Paulo: Scipione, 1996.

MACHADO, A. M. O domador de monstros. São Paulo: FTD, 2003.

_____. O gato massamê e aquilo que ele vê. São Paulo: Ática, 1996. (Coleção Barquinho de Papel).

_____. Menina bonita do laço de fita. São Paulo: Ática, 2000. (Coleção Barquinho de Papel).

MASUR, J. O frio pode ser quente? 17. ed. São Paulo: Ática, 2005. (Coleção Pique).

PAES, J. P. Poemas para brincar. São Paulo: Ática, 2000.

ROCHA, R. Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 1999.

_____. Nicolau tinha uma ideia. São Paulo: Quinteto Editorial, 1995.

ROTH, O. Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz. São Paulo: Ática, 1999.

SCIENZKA, J. A verdadeira história dos três porquinhos. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

_____. O patinho realmente feio e outras histórias malucas. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

WOOD, A. A casa sonolenta. São Paulo: Ática, 1999.

_____. O rei bigodeira e sua banheira. São Paulo: Ática, 1996.

_____. A bruxa Salomé. São Paulo: Ática, 1999.

_____. Meus porquinhos. São Paulo: Ática, 1999.

ZATZ, L. Era uma vez uma bruxa. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005. (Coleção Girassol).

Sites para pesquisa

<<http://www.avisala.org.br>> – Site do Instituto Avisa Lá com informações sobre a formação continuada de professores e as publicações da Revista Avisa Lá.

<<http://revistaescola.abril.com.br/infantil/>> – Reportagens sobre educação infantil publicadas na revista Nova Escola, com a possibilidade de realizar *download* de algumas matérias.

<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0202/aberto/mt_233712.shtml> – Reportagem “Um bate-papo sem fim”, sobre o planejamento de rodas de conversa.

<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0203/aberto/mt_233230.shtml> – Reportagem “Histórias que despertam emoções”, sobre os

contos de fadas e como estes ajudam as crianças a superarem as dificuldades do dia a dia.

<<http://www.buenosaires.gov.ar/areas/educacion/niveles/inicial>> – Site de Buenos Aires – Argentina, sobre a educação infantil e as diretrizes curriculares para essa faixa etária.

<<http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=556>> – Publicações do MEC, como: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação, Revista Criança, entre outras.

<<http://www.revistapatio.com.br>> – Reportagens e artigos publicados na revista Pátio, destinada aos profissionais da educação.

<<http://www.revistacriar.com.br>> – Site da Revista Criar, destinada à educação infantil, com artigos, fóruns para discussão, lançamentos de livros na área e reportagens publicadas.

<<http://www.dominiopublico.gov.br>> – Biblioteca virtual, que possibilita o acesso a obras literárias, artísticas e científicas, na forma de textos, sons, imagens e vídeos. Os arquivos estão disponíveis nesse portal para *download*.

<<http://www.cienciahoje.uol.com.br/view/418>> – O site Ciência Hoje das Crianças traz informações e curiosidades sobre bichos e plantas; ecologia e meio ambiente; corpo humano e saúde; tecnologia e invenções, entre outros.

<<http://www.fonteseducacaoinfantil.org.br>> – Site da Fundação Orsa e da UNESCO com: textos; sugestões de *links*, livros e periódicos; relação de instituições de educação infantil, entre outros.

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/sons/infantil>> – Site Biblioteca Virtual da Língua Portuguesa (da Escola do Futuro, da USP), com diversos recursos didáticos, como áudio, imagens e vídeos. O site traz sugestões de CDs musicais infantis e possibilita acessá-los.

<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/inf_l.php?t=001> - Site do Centro de Referência em Educação Mário Covas, idealizado pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, possui acervo documental com artigos na área da educação e diversos *links* (artigos e projetos, literatura infantil, músicas infantis, entre outros).

<<http://www.ced.ufsc.br/%7Ezroseis/homepage.html>> - Revista eletrônica editada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN) da Universidade Federal de Santa Catarina, com relatos, resenhas, entrevistas, artigos e curiosidades.

<<http://ced.ufsc.br/%7Enee0a6/>> - Site da Universidade Federal de Santa Catarina com artigos, publicações, teses de mestrado e doutorado e periódicos na área de educação infantil. Também estão disponibilizados os artigos produzidos pelos grupos de trabalho dessa universidade e de legislação específica.



Avaliação na educação infantil

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394/96, a avaliação na educação infantil “far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental” (artigo 31, Seção II).

Dessa forma, a avaliação compreende um processo contínuo de acompanhamento do desenvolvimento e aprendizagem da criança. Não tem caráter seletivo, mas sim indica ao educador/professor a necessidade de intervenções na prática pedagógica. A criança é avaliada tendo a si própria como referência, o que dispensa a sua comparação com as demais e respeita a individualidade infantil e suas sucessivas e gradativas conquistas.

Segundo Edmiaston (2004, p. 69), a avaliação é “um processo pelo qual podemos observar, documentar e interpretar o que as crianças sabem, o que fazem, como raciocinam e como as atividades e as práticas educativas facilitam ou impedem sua aprendizagem”.

A avaliação deve subsidiar o educador/professor na organização e reorganização das ações pedagógicas, na observação e reflexão de todas as manifestações de cada criança em acompanhamento diário e na elaboração de registros acerca do desenvolvimento infantil.

Os processos avaliativos contribuem na formação reflexiva para o trabalho pedagógico do educador/professor na medida em que possibilitam o redimensionamento do seu fazer pela observação dos resultados obtidos com as atividades propostas. No caso da linguagem oral, por exemplo, ao realizar uma roda de conversa, se o educador/professor perceber que está ocorrendo mero revezamento de falas infantis, poderá rever o seu encaminhamento, formulando perguntas que possibilitem a participação espontânea das crianças.

Pela observação e reflexão, o educador/professor desenvolve um olhar atento sobre a criança, sobre suas diversas e singulares manifestações cotidianas e suas interações com outras crianças e adultos. Isso permitirá, por exemplo, que o tema a ser discutido em uma roda de conversa possa ser sugerido por uma criança.

Para auxiliar no processo avaliativo, alguns instrumentos podem ser

utilizados para registrar o cotidiano do trabalho com as crianças, como: relatórios de avaliação ou pareceres descritivos, diários ou relatórios diários, produções infantis, fotografias e gravações em áudio ou vídeo.

Relatórios de avaliação ou pareceres descritivos: Relatos escritos sobre o desempenho de cada criança, elaborados em razão do acompanhamento frequente e consistente da construção do conhecimento, considerando as especificidades e respeitando a individualidade de cada uma, permeados pela análise reflexiva do educador/professor. Esses registros revelam a trajetória vivida pela criança, bem como as práticas pedagógicas adotadas pela instituição.

Ainda, na visão de Hoffmann (1996, p. 68),

Relatórios de avaliação têm por objetivo historicizar os caminhos que cada uma vem percorrendo em busca do conhecimento do mundo e desenvolvimento de valores pessoais, retratando, assim, a dinamicidade de sua ação de conhecer. Os próprios relatórios têm o sentido dinâmico de estabelecer elos entre momentos do trabalho pedagógico de um professor ou vários professores, criando o álbum da vida da criança e permitindo aos pais e professores melhor compreendê-la e ajudá-la em termos de suas possibilidades e limites.

Diários ou relatórios diários: Instrumentos que possibilitam ao educador/professor refletir permanentemente sobre as crianças e suas ações educativas, repensando seu planejamento e reorganizando seus encaminhamentos pelas observações diárias.

Produções infantis: Materiais produzidos pelas crianças, que servem como um importante acervo para que o educador/professor e os pais possam acompanhar a evolução de cada uma e propor novos desafios de acordo com suas necessidades.

Fotografias⁶: Os registros visuais dos encaminhamentos pedagógicos e das ações das crianças de forma sequencial facilitam o resgate de atividades realizadas em diferentes períodos, compondo a memória visual do grupo de crianças, e servem como instrumento para a conscientização dos pais sobre o trabalho realizado na unidade, facilitando a integração e parceria entre instituição e famílias. Além disso, segundo Leite (2006, p. 29), "fotos em sequência, fotografias de crianças sozinhas ou juntas, em pares ou trios, fotos de ações e recusas, detalhes ou planos amplos são sempre imagens que, vistas pelos adultos

⁶ Fotografia, ou escrita pela luz, é uma possibilidade de congelar um momento vivido, eternizando-o.

ou pelas crianças, desencadeiam questões e sensações diversas”.

Gravações em áudio ou vídeo: Instrumentos ricos para a análise das práticas do educador/professor, que permitem um olhar mais sensível, detalhado e reflexivo sobre a forma como desenvolveu determinada atividade e sobre como as crianças reagiram, revelando detalhes importantes que passaram despercebidos, mas que precisam ser retomados. Um exemplo desses instrumentos são os registros das conversas/falas das crianças, pois, durante as conversas com os pares, elas revelam suas ideias, sentimentos, conquistas e dificuldades, e a gravação desses momentos poderá auxiliar nas intervenções do educador/professor.

Vale destacar que o instrumento básico e primordial para a avaliação é a observação contínua da criança, considerando suas características, seu desenvolvimento e sua aprendizagem, e que as várias formas de registro facilitam a sistematização do processo pelo educador/professor.

Para compor esses instrumentos, o educador/professor deverá considerar algumas observáveis⁷:

- a relação com outras crianças e com os adultos;
- as curiosidades, os sentimentos, as ideias e os desejos manifestados pelas crianças, a percepção e a consideração de suas perguntas, dificuldades e descobertas;
- a compreensão da história de vida e da trajetória de cada criança;
- o tempo, o ritmo e o desenvolvimento individuais;
- os avanços progressivamente alcançados, atendendo aos objetivos de trabalho;
- o olhar sensível e reflexivo sobre a criança;
- a adequação da prática pedagógica em função do grupo de crianças, tendo em vista os aspectos citados anteriormente.

Os registros, segundo Leite (2006, p. 27), são:

Uma possibilidade de formação para o professor, pois permitem uma avaliação viva de sua trajetória com o grupo, além de serem acervo cultural e político para a pesquisa sobre crianças. No que tange aos familiares, toda documentação é uma forma dinâmica de acompanhar as ações das crianças: suas pequenas e grandes descobertas. Grandes, pois há registros de festas e eventos; pequenas, pois há, principalmente, registros de sorrisos, choros, brincadeiras, disputas, expressões e percursos diversos dos meninos e meninas. Finalmente, para a criança, a possibilidade de expressar-se e ver-se documentada em suas ações cotidianas, o que significa a certeza da valorização de suas produções culturais (...) e o respeito às suas formas de ser, pensar e agir. Os registros permitem que

⁷Termo utilizado por Piaget, que significa superar a mera observação de determinada situação, pois inclui o refletir, inferir, levantar hipóteses, confrontar pontos de vista, argumentar (SCARPA, 1998, p. 102).

conheçam os outros e a si mesmas, já que dão visibilidade não apenas à sua fala, mas, igualmente, às suas diversas outras linguagens.

No que se refere à Linguagem Oral...

As Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba – v. 2, Educação Infantil, apontam objetivos para o trabalho com as crianças, e esses objetivos desdobram-se em outros na Proposta Pedagógica de cada instituição, constituindo o seu currículo local. A avaliação da área de formação humana em linguagem oral, assim como das demais áreas, terá por critério aqueles objetivos elencados pelo grupo de profissionais de uma determinada instituição educativa em sua Proposta Pedagógica.

De acordo com a Proposta Pedagógica da instituição, o educador/professor define em seu planejamento os objetivos para o trabalho com a linguagem oral, como, por exemplo, a ampliação do vocabulário das crianças ou a expressão de suas ideias, sentimentos e desejos, desenvolvendo atividades que busquem alcançar, gradativamente, esses objetivos, assim como planeja os meios para avaliar constantemente as aprendizagens das crianças.

Compreendendo que a ação comunicativa tem uma função (eu falo por algum motivo), um conteúdo (eu falo sobre algo) e uma forma (eu utilizo uma forma para expressar o que penso: linguagem verbal, gestual, entre outras), no trabalho com a linguagem oral na educação infantil, o educador/professor deve considerar alguns fatores para a realização da avaliação da criança:

- o reconhecimento e a utilização de gestos, expressões faciais e palavras para comunicar-se e expressar-se;
- a evolução da relação comunicativa com o educador/professor;
- as atitudes manifestadas durante o cotidiano e os recursos comunicativos utilizados (exemplo: como solicita algum material/objeto);
- a forma de expressão de necessidades, desejos e sentimentos, se através de gesto, choro, riso, entre outros, a evolução nas formas de comunicação adotadas;
- a forma de responder ao chamado do adulto, se através de sorrisos, do balbúcio, do olhar, entre outros;
- o estabelecimento de relações com outras crianças utilizando-se da linguagem;
- o gosto por escutar contos, histórias, poesias, etc.;
- o gosto pelas canções e músicas e as tentativas de cantar seguindo alguma melodia;

- a manifestação de maneira criativa, expressando afetos, sentimentos e emoções;
- a interação verbal em diferentes contextos e com maior diversidade de interlocutores;
- a participação na escuta de histórias, demonstrando cada vez mais interesse e prazer;
- as tentativas de contação ou leitura de histórias preferidas;
- a realização de comentários sobre o que “leu” ou escutou;
- o estabelecimento de diálogos durante jogos, brincadeiras e outras atividades;
- a ampliação de vocabulário/repertório, incorporando novas palavras aprendidas;
- a utilização da linguagem figurada, compreendendo o seu sentido. Exemplo: “Estou morrendo de sede”;
- os relatos de histórias curtas;
- as descrições com clareza das próprias experiências e situações vivenciadas;
- o ajuste de linguagem para se dirigir a diferentes públicos (padrões de linguagem: formal e informal);
- a participação nas rodas de conversa, expondo opiniões e pensamentos.

É importante que o educador/professor comunique à criança suas conquistas e aprendizagens, demonstrando o quanto está feliz com seus avanços, visto que, para ela, esse reconhecimento promove a busca pela superação de novos obstáculos.

A família também precisa participar do processo avaliativo, mas não apenas nas reuniões de pais, e sim informando e sendo informada constantemente acerca do processo de desenvolvimento e aprendizagem de seus filhos para que, em casa, possa contribuir, estabelecendo uma parceria e responsabilizando-se pela educação e pelo cuidado das crianças pequenas.

Cabe à instituição educativa avaliar constantemente suas práticas de forma a propiciar, cada vez mais, múltiplas oportunidades em que as crianças possam ampliar, enriquecer e diversificar seus recursos comunicativos, tendo em vista que “a avaliação em educação infantil precisa resgatar urgentemente o sentido essencial de acompanhamento do desenvolvimento infantil, de reflexão permanente sobre as crianças em seu cotidiano como elo de continuidade da ação pedagógica” (HOFFMANN, 1996, p. 48).



Palavras finais

Esperamos que este material possa contribuir com a sua prática educativa, sendo realimentado constantemente para que se ampliem, cada vez mais, o repertório infantil e as possibilidades de momentos de diálogo entre as crianças e destas com o educador/professor.

Agradecemos às unidades que colaboraram com essa produção encaminhando os registros das experiências realizadas com as crianças, a serem, agora, compartilhadas com toda a Rede.

O caderno contempla uma amostra da dedicação e do empenho dos profissionais da educação infantil, que não mediram esforços no planejamento e na realização de ações educativas de extrema importância para o desenvolvimento da oralidade infantil.



Referências

AVILA, I. S. A alfabetização e o papel do lúdico. In: RODRIGUES, M. B. C.; AMODEO, M. C. B. O espaço pedagógico na pré-escola. Cadernos de Educação Infantil. v. 2. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 37-42.

BUENOS AIRES. Gobierno de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Secretaria de Educación. Dirección de Currícula. Diseño curricular para la educación inicial. Argentina, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. _____. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. v. 2. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 23 dez. 1996.

CARNEIRO, F. A ficção falsa. In: OLIVEIRA, I. (Org.). O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a palavra, o escritor. São Paulo: DCL, 2005. p. 61-76.

CARVALHO, B. V. A literatura infantil: visão histórica e crítica. São Paulo: Global, 1989.

CENPEC. Fundação Itaú Social, UNICEF. Educação e participação: ONG parceira da escola. São Paulo, 2002.

_____. SENAI. Diálogo e ação: capacitação de equipes: palavra, criação e movimento. v. 2. São Paulo: 2002.

CENTURIÓN, M. et al. Jogos, projetos e oficinas para educação infantil. São Paulo: FTD, 2004.

CRAIDY, C. M. (Org.). O educador de todos os dias: convivendo com crianças de 0 a 6 anos. Cadernos de educação Infantil. v. 5. Porto Alegre: Mediação, 1998.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. da S. Educação infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

CUNHA, L. Poesia e humor para crianças. In: OLIVEIRA, I. (Org.). O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a palavra, o escritor. São Paulo: DCL, 2005. p. 77-90.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. Diretrizes curriculares para a educação municipal de Curitiba. v. 2. Curitiba, 2006.

EDMIASTON, R. Avaliando e documentando a aprendizagem nas salas de aula construtivistas. In: DEVRIES, R. et al. O currículo construtivista na educação infantil: práticas e atividades. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FARIA, V. L. B. de. Memórias de leitura e educação infantil. In: SOUZA, R. J. de. Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL, 2004. p. 49-59.

GALVÃO, I. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GARCIA, E. G. A leitura no meio do caminho. Prazer em ler, p. 16-24, jan. 2006.

HOFFMANN, J.; SILVA, M. B. G. (Coord.). Ação educativa na creche. Cadernos de Educação Infantil. v. 1. Porto Alegre: Mediação, 1995.

_____. Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 1996.

_____. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

HUBNER, L. Ler o mundo com olhos de criança. Revista Avisa Lá s/n, São Paulo, n. 4. p. 28-29, 2002.

JUNQUEIRA FILHO, G. J. et al. Conversando, lendo e escrevendo com as crianças na educação infantil. In: CRAIDY, C. M. Educação infantil: pra que te quero? Porto

Alegre: Artmed, 2001. p. 135-152.

KRECHEVSKY, M. Avaliação em educação infantil. Tradução: Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LEITE, R. S.; CARVALHO, S. Encruzilhada de vozes: a multiplicidade de discursos na comunicação oral entre crianças de 0 a 4 anos. Revista Avisa Lá, São Paulo, n. 4. p. 8-12, 2000.

LEITE, M. I. Linguagens e autoria: registro, cotidiano e expressão. In: OSTETTO, L.; LEITE, M. I. Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão. São Paulo: Papyrus, 2006.

LENTIN, L. A criança e a linguagem oral: ensinar a falar: Onde? Quando? Como? Lisboa: Livros Horizontes, 1981.

LIMA, E. S. A criança pequena e suas linguagens. São Paulo: Sobradinho, 2003.

_____. Como a criança pequena se desenvolve. São Paulo: Sobradinho, 2001.

_____. Avaliação na escola. São Paulo: Sobradinho, 2002.

LOPES, A. E. Fotografias: as artes plásticas no contexto da escola especial. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (Orgs.). Infância e produção cultural. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

MACHADO, R. Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1995. (Série Pensamento e Ação no Magistério).

OLIVEIRA, Z. M. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. (Org.). A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, I. de (Org.). O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a

palavra, o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

OSTETTO, L. E. (Org). Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios. São Paulo: Papirus, 2000.

PANUTTI, D. O processo de aquisição do discurso: salto para o futuro.

Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2004/ei/tetxt3.htm>>

Acesso em: 26 abr. 2006.

PANUTTI, D.; GASTALDI, M. V. Trabalhando linguagem oral com crianças de três anos. Revista Criança, Brasília, nov. 1998.

PERRONI, M. C. Desenvolvimento do discurso narrativo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PERROTTI, E. A criança e a produção cultural. In: ZILMERMAN, R. (Org.). A produção cultural para a criança. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. p.9-27.

QUINTEIRO, J. Infância e educação no Brasil: um campo de estudo em construção. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Org.). Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

REZENDE, S. M.; FONSECA, V. N.; Clara, R. A. O que a sua ONG pode fazer. In: CENPEC, Fundação Itaú Social, UNICEF. Educação e participação: ONG parceira da escola. São Paulo, 2002. p. 64-107.

RODRIGUES, M. B. C.; AMODEO, M. C. B. O espaço pedagógico na pré-escola. Cadernos de Educação Infantil. v. 2. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SCARPA, R. "Era assim, agora não": uma proposta de formação de professores leigos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

SEBER, M. da G. Construção da inteligência pela criança. São Paulo: Scipione, 1989.

SIMÕES, V. L. B. Histórias infantis e aquisição da escrita. São Paulo: Perspectiva, jan./mar. 2000, v. 14, n. 1, p. 22-28. ISSN 0102-8839. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 5 maio 2006.

SOUZA, R. J. de. Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL, 2004.

TAHAN, M. A arte de ler e contar histórias. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

VALENTIM, M. G. Por que falamos como bebês quando falamos com bebês? São Paulo: EDUSC, 2002.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZABALZA, M. A. Qualidade em educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZEN, M. I. H. D. Mania de ler... mania de aprender... In: RODRIGUES, M. B. C.; AMODEO, M. C. B. O espaço pedagógico na pré-escola. Cadernos de Educação Infantil. v. 2. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 53-55.

ZILBERMAN, R. (Org). A produção cultural para a criança. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

WARSCHAUER, C. Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

WALLON, H. As origens do pensamento na criança. In: LEITE, R. S. Um olhar sobre situações narrativas envolvendo crianças pequenas em creches e pré-escolas. São Paulo: Mimeo, 1996.

Coletânea de músicas e cantigas populares

Músicas e cantigas populares

1. **Meu sininho** (melodia da música Frère Jacques, popular francesa)



Meu sininho, meu sininho,
Meu sinão, meu sinão,
Bate de mansinho,
Bate de mansinho,
Dim, dem, dão,
Dim, dem, dão...

2. **Doce da sinhá**

Da abóbora faz melão
Do melão faz melancia. (bis)
Faz doce, sinhá, faz doce sinhá
Faz doce, sinhá Maria. (bis)
E quem quiser dançar, vai na
casa do Juquinha. (bis)
Ele pula, ele roda, ele faz
requebradinha. (bis)



3. **Na ponte da vizinhança**

Lá na ponte da vizinhança
Todo mundo passará. (bis)
As lavadeiras fazem assim,
As lavadeiras fazem assim,
Assim, assim,
Assim, assim,
Assim, assim.



Lá na ponte da vizinhança
Todo mundo passará. (bis)
As bordadeiras fazem assim,
As bordadeiras fazem assim,
Assim, assim,
Assim, assim,
Assim, assim.

Lá na ponte da vizinhança
Todo mundo passará. (bis)
Os catadores de coco fazem assim,

Os catadores de coco fazem assim,
Assim, assim,
Assim, assim,
Assim, assim.

Obs.: A cantiga continua com outros trabalhadores: costureiras, carpinteiros, pescadores, cozinheiras, etc.

4. Chinês

Chinês
Tchim, tchim, tchim, tchim
Tchim, tchim, tchim, tchim
Tchim, tchim, tchim
Um, dois, três
Quatro, cinco, seis
Olha os olhos do chinês
O seu nome é Chim Cham Chem
Veja como ele dança bem.



5. A carrocinha

A carrocinha pegou
Três cachorros de uma vez.
A carrocinha pegou
Três cachorros de uma vez.
Tá, rá, rá, que gente é essa?
Tá, rá, rá, que gente má!

(cantiga recolhida do antigo Estado da Guanabara)



6. Cai, chuva!

Cai, chuva!
Chegou o inverno,
Foi se o verão.
Vamos trabalhar.
Plantar algodão.

Cai, chuva,
Cai lá do céu!
Cai, chuva,
No meu chapéu! (bis)

Está tudo verde,
Arroz cacheado,
A lagoa cheia,
Os sapos coaxando.

Inda está chovendo,
Enchendo a ribeira;
A graúna canta
Na carnaubeira.

7. Coruja

No meio da floresta
Morava uma coruja
E nas noites de lua
Ouviam-se gritos
Tui-tu, tui-tu, tui-tu, itu, itu!



8. Gatinha parda

Ai, minha gatinha parda,
Que em janeiro me fugiu!
Quem roubou minha gatinha?
Você sabe? Você sabe? Você viu?

Eu não vi a tal gatinha,
Mas ouvi o seu miau.
Quem roubou a sua gatinha
Foi a bruxa, foi a bruxa pica-pau.





9. Seu Juca

A menina que está na roda
É uma gatinha espichada;
Tem a boca de jacaré
E a saia remendada.

Lá vem o seu Juca-ca
Da perna torta-ta
Dançando a valsa-sa
Com a Maricota-ta

10. Anel de pedra verde

Perdi meu anel
Num buraco da parede
Quem achou me dê de volta
Meu anel de pedra verde.

É de frente pra frente
É de trás pra trás. (bis)



11. Jacaré

Jacaré está na lagoa,
Com preguiça de nadar.
Deixa estar, seu jacaré,
Que a lagoa há de secar!

Sim, sim, sim!
Não, não, não!
Pegou fogo
No papelão! (bis)



12. Eu era assim

Quando eu era nenê, nenê, nenê
Eu era assim...
Eu era assim... (nina o nenê nos braços)



Quando eu era menina, menina, menina

Eu era assim...

Eu era assim... (pula corda)

Quando eu era mocinha, mocinha, mocinha

Eu era assim...

Eu era assim... (passa batom e arruma-se no espelho)

Quando eu era casada, casada, casada

Eu era assim...

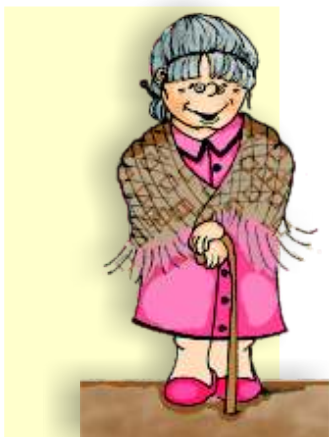
Eu era assim... (passeia de braço dado)



Quando eu era mamãe, mamãe, mamãe

Eu era assim...

Eu era assim... (aponta com o dedo, indicando autoridade)



Quando eu era vovó, vovó, vovó

Eu era assim...

Eu era assim... (anda um pouco curvada)

Quando eu era caduca, caduca, caduca

Eu era assim...

Eu era assim... (anda cambaleante)

Quando eu era caveira, caveira, caveira

Eu era assim...

Eu era assim... (faz careta)

13. O castelo

O castelo pegou fogo,
Seu Francisco deu sinal:
Acode, acode, acode
A bandeira nacional!

Um, dois, três,
Quatro, cinco, seis,
Sete, oito, nove,
Para doze faltam três.



A Matriz deu meia-noite,
O Rosário bateu duas,
Lá está chegando a hora
De meu bem sair à rua.

Um, dois, três,
Quatro, cinco, seis,
Sete, oito, nove,
Para doze faltam três.

CENTURIÓN, 2004, p.126-144

Obs.: Caso alguma música seja desconhecida do educador/professor, ele poderá adaptar a letra a melodias das cantigas tradicionais.

Brincadeiras populares

1. Uma pulga na balança

Uma pulga na balança
Deu um pulo e foi à França,
Os cavalos a correr,
Os meninos a brincar,
Vamos ver quem vai pegar!

2. Tique-taque

Tique-taque
Gambarola
Este dentro
E este fora.

3. Escravos de Jó

Escravos de Jó
Jogavam caxangá.
Tira, bota, deixa ficar.
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zigue-zá. (bis)

CENTURIÓN, 2004, p. 164

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
Ida Regina Moro Milléo de Mendonça

GERENTES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
Vera Lúcia Grande Dal Molin
Elizabeth Helena Baptista Ramos

ELABORAÇÃO
Ilze Maria Coelho Machado
Viviane Maria Alessi

CONSULTORIA TÉCNICO-PEDAGÓGICA
Maria Virgínia Gastaldi
Silvana Augusto

DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA E DIFUSÃO EDUCACIONAL
Maria Marilda Confortin Guiraud

GERÊNCIA DE APOIO GRÁFICO
Dilma Protzek

PROJETO GRÁFICO
Dilma Protzek

CAPA
Ana Paula Yanagui
Dilma Protzek

DIAGRAMAÇÃO
Dilma Protzek
Patrícia Tiemi Sakurada

ILUSTRAÇÕES
Ana Cláudia Andrade de Proença
Facchini Brocco

DIAGRAMAÇÃO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA DE IMAGENS
Dilma Protzek

APOIO PEDAGÓGICO
Vaneska Mezete Pegoraro

REVISÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Joseli Siqueira Giublin
Rita Spacki
Sirlei Cavalli

Impressão e Acabamento:

VIA LASER ARTES GRÁFICAS LTDA.

Rua João de Oliveira Franco, 250 - Vila Fanny

CEP 81030-380 - Fone/Fax: (41) 3248-6701

Curitiba - Paraná - Brasil

e-mail: comercial@vialaser.com.br

www.vialaser.com.br



CURITIBA

PREFEITURA DA CIDADE
Secretaria da Educação